



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO

GABRIEL DE JESUS QUEIROZ

**MANIFESTAÇÃO POLÍTICA NO JORNALISMO ESPORTIVO**

Brasília - DF  
Maio de 2022

GABRIEL DE JESUS QUEIROZ

## MANIFESTAÇÃO POLÍTICA NO JORNALISMO ESPORTIVO

Memória do projeto experimental apresentado ao curso de Comunicação Social da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília como componente parcial para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social – Jornalismo.

**Orientador:** Fernando Oliveira Paulino

**Coorientador:** Octavio Penna Pieranti

### BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Orientador: Prof. Dr. Fernando Oliveira Paulino

---

Co-orientador: Dr. Octavio Penna Pieranti

---

Examinadora: Profa. Dra Li Chang Shuen Cristina Silva Sousa

---

Examinador: Prof. Dr. Sergio Ribeiro

---

Suplente: Paulo José Cunha

Brasília - DF  
Maio de 2022

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente, quero agradecer ao professor Fernando Oliveira Paulino e também a Octavio Pieranti por terem aceitado fazer parte desse projeto. Também quero agradecer meus amigos: Cibele Umbelino, Vinicius Val e Lety Silva por terem me ajudado a construir esse trabalho que não seria possível sem a ajuda deles, portanto, minha máxima gratidão. Também quero agradecer aos meus entrevistados para essa grande reportagem: Paulo Calçade, Breiller Pires, Maíra Nunes, Flávio Gomes, Marcos Luca Valentim, Afonsinho e Aranha. Sem a contribuição de vocês esse trabalho não seria possível, o fato de terem aceitado poder fazer parte só fez crescer a minha admiração pelo excelente trabalho que fazem. Quero agradecer também a minha família, em especial minha mãe, Regina Márcia Lucena de Jesus, por ter me dado a melhor educação do mundo. Também a meu pai, Jacob Willams Martins Queiroz por ter me passado seu amor ao futebol e ao Clube de Regatas do Flamengo. Agradeço também o carinho e apoio dos meus amigos aqui em Brasília: Luis Gabriel Reis, Millena Brasil, Leia Silva, João Pedro Rodrigues, Márcio Rocha, Renan Rodrigues, Daniel Moraes, Salomão Vilela e Willam Felipe que tornaram minha estadia na capital um lugar melhor. Meus agradecimentos também a meus amigos de São Luís que sempre estiveram comigo apesar da distância: Gabriel Costa, Isabela Maria, Daniel Moreno, Daniel Pinheiro, Gabriel Silva, Matheus Penha, Daniel Ceci, Cassi Martins, Álef Emmanuel, Matheus Alencar, Paulo Falcão e João Vitor Fernandes.

## RESUMO

O presente trabalho busca produzir uma grande reportagem a respeito de manifestação política por parte de jornalistas esportivos. Nesse formato, inclui entrevista com profissionais, a fim de entender se existem limites para dizer aquilo que pensa. Como resultado do trabalho foi realizada a grande reportagem intitulada de manifestação política no jornalismo esportivo que contou com a participação de figuras importantes do jornalismo esportivo como Paulo Calçade, Flávio Gomes, Breiller Pires, Maíra Nunes, Marcos Luca Valentim e também com a participação de ex-jogadores como Afonsinho e Aranha para tratar da temática dentro do futebol. Pode-se concluir que o debate sobre o assunto ainda encontra muitas barreiras e o tabu ainda permanece de que o jornalista deve se concentrar somente no esporte.

**Palavras-chave:** Jornalismo. Manifestação. Esporte. Política.

## **ABSTRACT**

The present work seeks to produce a great report about political manifestation by sports journalists. In this format, it includes interviews with professionals, in order to understand if there are limits to saying what you think. As a result of the work, the great report entitled political manifestation in sports journalism was carried out, with the participation of important figures in sports journalism such as Paulo Calçade, Flávio Gomes, Breiller Pires, Maíra Nunes, Marcos Luca Valentim and also with the participation of former -players like Afonsinho and Aranha to deal with the theme within football. It can be concluded that the debate on the subject still encounters many barriers and the taboo still remains that journalists should focus only on sport.

**Keywords:** Journalism. Manifestation. Sports. Politics.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 01:</b>	Liberdade de expressão.....	18
<b>Figura 02:</b>	Existe lugar adequado para manifestar?.....	19
<b>Figura 03:</b>	A manifestação política no futebol.....	20

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	2
1.1 FUTEBOL E MANIFESTAÇÃO	4
1.2 PERGUNTA DE PESQUISA	9
1.3 JUSTIFICATIVA	9
2 OBJETIVOS	10
2.1 GERAL	10
2.1 ESPECÍFICO	10
3 REVISÃO TEÓRICA	10
3.1 GRANDE REPORTAGEM	10
3.2 JORNALISMO ESPORTIVO	11
3.3 LIBERDADE DE EXPRESSÃO	13
4 METODOLOGIA	15
5 CONCLUSÃO	22
REFERÊNCIAS	24
APÊNDICE	27

## 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho trata da produção de uma grande reportagem envolvendo manifestação política dentro do jornalismo esportivo. Entrevistando profissionais da área e com perguntas que buscam entender de que maneira esses jornalistas esportivos se manifestam politicamente, saber se a manifestação política é algo válido dentro do esporte. Além disso, saber quais são os reflexos de emitir uma opinião de cunho político. Saber de que maneira o público que os acompanha reage a isso, os donos dos veículos de imprensa com o qual eles trabalham e dentre outros.

A grande reportagem tem uma parte inicial tratando de um caso específico de manifestação política de jornalistas esportivos em torno da escolha do país como sede da Copa América, após a desistência de Colômbia e Argentina de receber a competição<sup>1</sup>.

Por seguinte, perpassa por uma visão histórica tratando de personagens importantes que trataram de manifestação política dentro do esporte, como figuras como João Saldanha, Osmar Santos, Juca Kfourri e também José Trajano.

Dentro da história do jornalismo brasileiro, a figura do jornalista João Saldanha talvez seja uma das mais icônicas tratando de manifestação política dentro do futebol.

Segundo Pires (2017)<sup>2</sup>, João Saldanha, também conhecido como “João sem medo” era um jornalista que, diferentemente de outros da sua geração, tratava de assuntos que iam muito além das quatro linhas.

O apelido de “João sem medo” veio justamente do fato de Saldanha não possuir receio de se posicionar. Em seu passado, o jornalista e ex-técnico da seleção brasileira era um militante comunista desde a década de 1940 e também por ter sido membro do Partido Comunista Brasileiro (PCB) (GONÇALVES, 2016).

Saldanha era um personagem conhecido pela maioria dos brasileiros por sua participação em programas de rádio e também na televisão. Em 1957, seu vínculo com o futebol era tão forte que treinou a equipe do Botafogo-RJ. Em 1969, assumiu

---

<sup>1</sup> FERNANDEZ, Martín. Em reviravolta, Brasil é escolhido a nova sede da Copa América. **Globo Esporte**, 2021. Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/copa-america/noticia/copa-america-em-reviravolta-conmebol-decide-sedi-ar-torneio-no-brasil.ghtml>. Acesso em: 09 abr. 2022.

<sup>2</sup> PIRES, Breiller. João Saldanha: o técnico que atormentou a ditadura. **El País**, 2017. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2017/07/01/deportes/1498862110\\_086687.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2017/07/01/deportes/1498862110_086687.html). Acesso em: 10 abr. 2022.



o comando da seleção brasileira, onde conquistou a classificação para disputar a Copa do Mundo no México em 1970 (LÁZARO; MATOS, 2020).

Contudo, Saldanha não conseguiu ir adiante com seu trabalho e ser o treinador brasileiro na Copa. João não foi subserviente com a ditadura militar no país, fato que acabou sendo determinante para sua saída do comando da Seleção. Com a chegada do general Emílio Garrastazu Médici ao poder, a repressão aumentou contra os integrantes do Partido Comunista (PIRES, 2017).

Com isso, vendo a maioria de seus colegas serem perseguidos e mortos pela ditadura, Saldanha resolveu montar um dossiê que citava mais de 3.000 presos políticos e centenas de torturados e mortos pela ditadura militar brasileira e distribuiu para autoridades internacionais no sorteio da fase de grupos da Copa, no México, em 1969 (PIRES, 2017).

Após o episódio, o governo ficou atento a qualquer movimentação de Saldanha. Todavia, o que fez de fato com que o treinador fosse demitido, segundo (PIRES, 2017), foi porque Saldanha não escalou Dario como pedido de Médici.

Além de João Saldanha, importante também destacar outros jornalistas esportivos que obtiveram destaque no que diz respeito a manifestação política dentro do esporte: Osmar Santos, Juca Kfourri e José Trajano, cujas trajetórias são importantes para referenciar a elaboração da grande reportagem, objetivo deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

A temática da grande reportagem é relacionada à manifestação política dos jornalistas, buscando entender a partir de pesquisa bibliográfica e contato com os profissionais, se existiria lugares e momentos mais adequados para a expressão da opinião política, buscando igualmente entender se o momento pelo qual o país vive é excepcional ou não para instigar mais jornalistas a emitirem suas opiniões.

Além disso, este TCC buscou ver como se dá a relação dos jornalistas com os veículos com os quais trabalham. Se há algum tipo de interferência ou restrição por estar tratando de questões individuais e políticas. O TCC também pretendeu sistematizar perspectivas futuras a partir da opinião das(os) entrevistados em relação à maneira pela qual os veículos de comunicação e seus profissionais tendem a lidar com essa questão. Por fim, ademais das reflexões dos jornalistas, a grande reportagem incluiu reflexões sobre as manifestações políticas dos jogadores de futebol a partir de entrevistas realizadas com os ex-jogadores Afonsinho e Aranha.

## 1.1 FUTEBOL E MANIFESTAÇÃO

O futebol é um verdadeiro fenômeno de massas, com fãs e adeptos espalhados pelo mundo, conforme aponta Matos (2015). Segundo Fernandes (2018)<sup>3</sup>, o futebol é o esporte mais popular do mundo, contando com um público em torno de 3 bilhões de pessoas e é praticado, especialmente, em países da Europa, América do Sul, Central e África. Em competições internacionais como a Copa do Mundo de 2018, por exemplo, segundo Ricco (2018)<sup>4</sup>, conseguiu alcançar cerca de 219 países.

Contudo, o futebol, historicamente, se mostrou não ser somente um esporte unicamente pautado em uma partida de 90 minutos. Os gramados são também palcos de diversos atos e posicionamentos políticos por partes daqueles que atuam diretamente dentro desse esporte.

Dentro da história do futebol, foram vários episódios de treinadores e também de jogadores que usaram do campo seu espaço para se manifestar politicamente. No Brasil, Sócrates ao lado de Walter Casagrande e Wladimir Pires foram fundamentais para a chamada democracia corinthiana. Na final do Campeonato Paulista de 1983, o Corinthians enfrentou o São Paulo na final, a equipe alvinegra entrou em campo com uma faixa que dizia: “Ganhar ou perder, mas sempre com Democracia”. A faixa foi acompanhada pelos gritos da torcida pedindo pelas Diretas Já! (PEINADO, 2017, p.139).

Na ocasião, uma das posições que a equipe defendia era o fim da ditadura militar no país. De acordo com o Globo Esporte (2020)<sup>5</sup>, o Corinthians, na época, passou a ser gerido de maneira revolucionária<sup>6</sup>. Isso porque as decisões do clube paulista como contratações, escalações e regras internas eram todas discutidas em

---

<sup>3</sup> FERNANDES, Thamyris. Qual o esporte mais popular do mundo?. **Segredos do Mundo**, c2021. Disponível em: <https://segredosdomundo.r7.com/qual-e-o-esporte-mais-popular-do-mundo/>. Acesso em: 05 nov. 2021.

<sup>4</sup> RICCO, Flávio. Copa do Mundo será transmitida para 219 países e territórios. **Uol**, 2018. Disponível em: <https://tvefamosos.uol.com.br/colunas/flavio-ricco/2018/06/12/copa-da-russia-sera-transmitida-para-212-paises.htm>. Acesso em: 08 nov. 2021

<sup>5</sup> GLOBO ESPORTE. Democracia Corinthiana: entenda o que foi e como se organizou o movimento contra a ditadura. **Globo Esporte**, 2020. Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/futebol/times/corinthians/noticia/ultimas-noticias-corinthians-democracia-corinthiana-movimento-contraditadura.ghtml>. Acesso em: 04 dez. 2021

<sup>6</sup> CUNHA, Paulinho. No resenha ESPN, Emerson Leão revela: “Democracia Corinthiana não era tão democrática assim”. **Torcedores.com**, 2017. Disponível em: <https://www.torcedores.com/noticias/2017/07/leao-diz-democracia-corinthiana-nao-era-tao-democratica>. Acesso em: 12 nov. 2021.

conjunto e votadas. Todos possuíam o mesmo voto, desde o roupeiro, até o técnico, Mário Travaglini.

Ainda segundo o Globo Esporte (2020), o nome “Democracia Corinthiana”, foi cunhado pelo publicitário Washington Olivetto. Foi estampada na camisa alvinegra em algumas partidas, ao lado de frases como “Diretas Já” e “eu quero votar para presidente”. Contudo, é necessário ressaltar que antes mesmo de Sócrates e companhia, a Europa já passava por diversas manifestações de cunho político.

Em 4 de junho de 1963, o meia-atacante gaulês, Raymond Kopa, foi responsável por escrever um artigo para a *France Dimanche* (PEINADO, 2017, p. 28), cujo título era “Os jogadores de futebol são escravos”; no texto, ele referia dizendo que “hoje, em pleno século XX, o jogador de futebol profissional é o único ser humano que pode ser vendido e comprado sem que peça sua opinião”.

Por manifestar sua opinião diante dos direitos dos jogadores de futebol, Kopa acabou sendo punido e tendo complicações em sua carreira, pelo simples fato de dizer o que pensava. O jogador acabou sendo condenado a seis meses de suspensão. Apesar de tê-la cumprido, Kopa acabou não sendo mais convocado pelo técnico George Verriest para atuar na seleção francesa. De acordo com o próprio técnico, Kopa deixou de ser convocado por sua rebeldia (PEINADO, 2017, p. 28).

Caso como esse de Kopa sempre foram frequentes no mundo do futebol. Até hoje é comum encontrarmos exemplos de repressão contra aqueles que dizem o que pensam. Em 2018, segundo a Placar, (2018)<sup>7</sup>, o técnico catalão Pep Guardiola do Manchester City foi multado pelo valor de 20 mil libras, o equivalente, em 2022, a 140 mil reais, pelo fato de usar uma fita amarela em apoio a separatistas catalães que haviam sido presos.

Em 2017, Jordi Sánchez e Jordi Cuixart <sup>8</sup> haviam sido encarcerados em função da participação deles na organização do referendo sobre a emancipação da Catalunha. Segundo Bonsanti (2018)<sup>9</sup>, a votação obteve como resultado posição

---

<sup>7</sup> PLACAR. Guardiola é multado em protesto político em mais de R\$ 90 mil reais. **Placar**, 2018. Disponível em:

<https://placar.abril.com.br/placar/guardiola-e-multado-por-protesto-politico-em-mais-de-r-90-mil/>. Acesso em: 22 abr. 2022.

<sup>8</sup> EL PAÍS BRASIL. Justiça espanhola decreta prisão de líderes de movimento pró-independência da Catalunha. **El País**, 2017. Disponível em:

[https://brasil.elpais.com/brasil/2017/10/16/internacional/1508137356\\_829076.html?rel=mas](https://brasil.elpais.com/brasil/2017/10/16/internacional/1508137356_829076.html?rel=mas). Acesso em: 07 dez. 2021

<sup>9</sup> BONSANTI, Bruno. Guardiola é denunciado pela Federação Inglesa por usar laço pela independência da Catalunha. **Trivela**, 2018. Disponível em:

majoritária a favor da separação da Catalunha da Espanha, contudo, acabou sendo reprimido pelo governo central. O então presidente da Catalunha, Carles Puigdemont, acabou sendo removido do cargo, e, em seguida, exilado. Diante da multa, o técnico Pep Guardiola expressou seu motivo de apoio a seus conterrâneos. Bonsanti (2018):

Faço isso porque, na Espanha, duas pessoas específicas que defendem algo como votar, algo com que as pessoas no comando não concordam, estão presas. Para fazer uma rebelião ou algo assim, você tem que ser durão para estar na prisão. E eles ainda estão lá. Então, até que sejam liberados, isso sempre estará aqui (apontando para o laço). Porque, ok, eu posso ser suspenso por fazer isso, mas outras pessoas estão presas.

Ainda de acordo com Bonsanti (2018), a Federação Inglesa de Futebol justificou a multa para o técnico como sendo uma violação da regulamentação de uniformes e propaganda, por emitir uma mensagem política.

Um outro caso envolvendo repressão contra aqueles que se manifestam politicamente, envolve o francês de origem argelina, Karim Benzema. De acordo com Lobo (2013)<sup>10</sup>, no ano de 2013, o atacante sofreu retaliação por parte do partido Frente Nacional (FN) da França. Benzema desde que começou a ser convocado pela seleção francesa, jamais abriu a boca para cantar a Marselhesa, o hino da França.

Para melhor compreender o exemplo de Benzema, é necessário levar em conta a relação entre França e Argélia. Em 1830, a França invadiu o atual território argelino, bombardeando a cidade de Argel, onde tropas do Império Turco-Otomano - que tinham o domínio da região - foram derrotados. Ao anexar o território, a Argélia passou a ser uma colônia francesa, apenas no ano de 1962, conseguindo sua independência (SAMPAIO, 2013).

Cardoso (2020)<sup>11</sup> apresenta que houve um processo de imigração argelina para a França com o passar dos anos. Um dos motivos, além do cenário de guerra, era o trabalho. Afinal de contas, a França, estava em processo de expansão

---

<https://trivela.com.br/guardiola-e-denunciado-pela-federacao-inglesa-por-usar-laco-pela-independencia-da-catalunha/>. Acesso em: 12 dez. 2021.

<sup>10</sup> LOBO, Felipe. Benzema se recusa a cantar hino e revolta grupo radical. **Trivela**, 2013. Disponível em: <https://trivela.com.br/benzema-se-recusa-a-cantar-hino-e-revolta-grupo-radical/>. Acesso em: 29 dez. 2021.

<sup>11</sup> CARDOSO, Emanuely. Argélia: da colonização ao futebol. **Futebol na Veia**, 2020. Disponível em: <https://www.futebolnaveia.com.br/argelia-da-colonizacao-ao-futebol/>. Acesso em: 27 dez. 2021.

econômica, precisava de mão-de-obra e pagava salários superiores aos da Argélia. Nesse contexto de imigração que Benzema e sua família se inserem.

Karim Mostafa Benzema nasceu em Tigzert, na Argélia, mas cresceu em Lyon, na França, no bairro do Bron, um local pobre e com população majoritariamente árabe, onde sua família ainda reside. O jogador foi descoberto quando criança, onde iniciou seus primeiros passos no time da cidade, o Lyon, Garcia e Schimidt (2015)<sup>12</sup>.

Segundo o Globo Esporte (2018)<sup>13</sup>, o motivo pelo qual o atacante não canta o hino francês é por ele incitar a violência. De acordo com LOBO (2013), o jogador até citou o exemplo de Zidane, que, assim como Benzema, é de origem argelina: “nada me forçará a cantar a Marselhesa. Zidane, por exemplo, não cantava fervorosamente a Marselhesa. Tudo se interpreta mal. Mas há torcedores que também não cantam”, apresentou o atacante (LOBO, 2013).

Diante dessa repercussão é que a Frente Nacional retaliou o jogador. Pedindo, inclusive, que não fosse mais convocado para atuar pela seleção francesa. O partido da Frente Nacional chegou ainda a emitir uma nota diante dessa recusa de Benzema não cantar o hino francês. Segundo o partido: “Um desprezo inconcebível e inaceitável para a equipe nacional, que tem a sorte de vestir a camisa”<sup>14</sup>. O grupo ainda descreve Benzema como “um mercenário do futebol que ganha € 1.484 por hora” e que a sua atitude “suja ainda mais a já prejudicada imagem da seleção” LOBO (2013).

De acordo com Peinado (2017, p. 36), o jogador turco Metin Kurt, sempre deixou clara a importância de se ter jogadores que expressassem suas ideias e seus pontos de vista. De acordo com ele: “não devemos nos render aos que desejam que os esportistas sejam macacos amedrontados para os meios de comunicação, aos

---

<sup>12</sup> GARCIA, Cláudia; SCHMIDT, Felipe. Enigma Benzema: o craque “árabe” que não cai nas graças da França. **Globo Esporte**, 2015. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/futebol/futebol-internacional/noticia/2015/12/enigma-benzema-o-craque-arabe-que-nao-cai-nas-gracas-da-franca.html>. Acesso em: 29 dez. 2021.

<sup>13</sup> GLOBO ESPORTE. Benzema justifica silêncio durante hino da França: “Incita a guerra”. **Globo Esporte**, 2018. Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/futebol/futebol-internacional/noticia/benzema-justifica-silencio-durante-hino-da-franca-incita-a-guerra.ghtml>. Acesso em: 29 dez. 2021.

<sup>14</sup> LOBO, Felipe. Benzema se recusa a cantar hino e revolta grupo radical. **Trivela**, 2013. Disponível em: <https://trivela.com.br/benzema-se-recusa-a-cantar-hino-e-revolta-grupo-radical/>. Acesso em: 29 dez. 2021.

que desejam explorá-los, aos que querem secar a fonte do esporte. Não se submeta, não se cale, não tenha medo!”.

Além de Kurt, traz também uma frase de Jean de la Hoz Uranga, meio-campista do Real Sociedad entre os anos de 1972 e 1978.

Creio que deveriam comprometer-se mais, porém o dinheiro sempre fala mais alto. Agora acreditam que, ao fazer um ato de caridade concreto, já contribuíram com alguma coisa: dizem à estrela de turno que vá fazer umas fotos e assunto encerrado. Deveria haver mais compromisso real, sobretudo quando se leva em conta que são privilegiados e que têm mais segurança pessoal e repercussão pelo que dizem do que qualquer outro trabalhador (PEINADO, 2017, p. 68).

Em 2020, o zagueiro do Atlético Goianiense, Hyuri, destacou em entrevista após jogo contra o Internacional pela Copa do Brasil, que os jogadores podem fazer um pouquinho mais e que não podem ter medo de se manifestarem. Em entrevista para a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) (2020)<sup>15</sup>, o zagueiro afirmou:

Nós, jogadores, temos que usar mais as nossas vozes por causa da nossa influência. Pessoas anônimas podem se reprimir e temos que fazer esse papel por eles. Temos que fazer movimentos contra discriminações raciais, e tantas outras, para que isto acabe. Porque nós precisamos mudar o mundo, que está muito injusto. É importante usarmos a nossa voz para mostrar que não aceitamos o que o mundo nos impõe. E, sim, que nós devemos nos impor para o mundo.

O ex-jogador e ídolo do Corinthians, Walter Casagrande, foi outro que defendeu uma maior participação de jogadores de futebol em questões políticas. Em uma entrevista em 2016 para a Rede TV<sup>16</sup>, o ex-jogador destacou que os jogadores deveriam ter uma participação em questões políticas e que não havia ninguém com preocupações em relação à política do país, com a corrupção no governo e a CBF.

## 1.2 PERGUNTA DE PESQUISA

---

<sup>15</sup> ASSESSORIA CBF. Hyuri celebra primeiro gol com a camisa do Atlético-GO e comenta gesto antirracista: ‘precisamos mudar o mundo’. **CBF**, 2020. Disponível em: <https://www.cbf.com.br/futebol-brasileiro/noticias/campeonato-brasileiro-serie-a/hyuri-marca-o-primeiro-com-a-camisa-do-atletico-go-e-declara-e-impor>. Acesso em: 11 dez. 2021

<sup>16</sup> REDE TV. Casagrande critica falta de posicionamento político de jogadores à política no Brasil. **YouTube**, 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6aCX92ZaP88>. Acesso em: 11 dez. 2021

A principal pergunta que o trabalho se coloca para responder por meio de uma grande reportagem é: na prática, quais têm sido os limites para manifestações de jornalistas esportivos?

### 1.3 JUSTIFICATIVA

O tema lida com liberdade de expressão, portanto, saber que o trabalho com o qual esses jornalistas esportivos vêm desempenhando, se de fato, é assegurada suas liberdades, conforme determina a Constituição Federal de 1988.

O interesse em se aprofundar mais a respeito desses profissionais que se manifestam politicamente, entender suas motivações, o impacto que sua mensagem pode gerar, relação com o público, quais mudanças observam na profissão e dentre outros. Além disso, como se dá a relação desses profissionais onde trabalham, se existe algum tipo de censura com alguma opinião que tenha falado em algum programa no ar ou em algum programa de mesa redonda.

Sendo um tema que fala de esporte e por se tratar de futebol, que, segundo Fernandes (2018), é o esporte mais popular do mundo. Por ocupar esse lugar de mais popular, a modalidade tem muita força e gera muita notícia, não somente no Brasil, como em diversos outros lugares no mundo. Contudo, depende fortemente do alcance, a contagem do público e a expectativa dele quanto ao campeonato. Tal qual Reis (2020, p.208) nos apresenta:

O futebol pode facilmente se adequar a esta categoria porque a maioria dos campeonatos alcançam milhares de pessoas. No Brasil, temos, por exemplo, o Campeonato Brasileiro (Brasileirão) televisionado e discutidos em vários programas esportivos; em escala mundial basta citar a *Champions League*, torneio europeu bastante disputado e as Copas do Mundo. Trata-se, portanto, de pessoas afetadas pelo fato – o jogo, torcedores empolgados em saber sobre cada avanço e decisão do time favorito. Mas a depender do estilo de competição – um torneio local, uma ‘pelada’ entre amigos, um jogo beneficente – o futebol pode não alcançar as credenciais necessárias para adentrar ao noticiário. O que decide de fato é o alcance, a contagem do público e expectativa dele quanto ao torneio.

Conclui-se com isso de que o futebol tem alcance altíssimo e que gera forte interesse de milhares de brasileiros.

## 2 OBJETIVOS

### 2.1 GERAL

Analisar, por meio de uma grande reportagem, quais têm sido os limites para manifestação política de jornalistas esportivos. Para isso, é necessário investigar se existem um local mais adequado para emitir opiniões de cunho político, entender se o momento atual do país é um caso excepcional para ter mais profissionais do esporte emitindo opiniões. Assim como saber as implicações do profissional da editoria de esporte tratar de assuntos de cunho político, seja dentro de um programa esportivo ou em sua rede social. Por fim, entender como é a relação com o público que o acompanha.

### 2.1 ESPECÍFICO

- Investigar se existe local mais adequado para emitir opiniões de cunho político.
- Entender se o momento atual do país é um caso excepcional para ter mais profissionais do esporte emitindo opiniões.
- Saber as implicações do jornalista esportivo tratar de assuntos de cunho político, seja dentro de um programa esportivo ou em sua rede social.
- Entender como é a relação com o público que segue.



### 3 REVISÃO TEÓRICA

#### 3.1 GRANDE REPORTAGEM

Primeiramente, é necessário fazer uma diferenciação do que é notícia e aquilo que é reportagem, para que assim, possamos compreender melhor o conceito de grande reportagem.

Lage (1993) descreve que do ponto de vista da estrutura, a notícia se define como um relato de uma série de fatos a partir do fato mais importante ou aquilo que seja mais relevante. Vale ressaltar também que a notícia, segundo o autor, não se trata de narrar os acontecimentos, mas de expô-los. Além disso, compreende na notícia a presença também do lead, ou seja, do fato principal de uma série, seria como a primeira parte da notícia.

Nela, compreende as principais informações da notícia, Martins (1990), apresenta o “*lead*” como sendo a inclusão de duas ou três frases as informações essenciais que consigam transmitir ao leitor um resumo completo do fato. Ou seja, por meio dessas duas ou três frases o leitor passa a ser orientado daquilo que a matéria diz respeito. Segundo Sodré (2009), a notícia possui uma fórmula de produção que envolve três grandes etapas. A primeira diz respeito a algo significativo que ocorreu/está ocorrendo; a segunda compreende em reconstruir uma narrativa para comunicar ao público e a última usa-se de uma retórica específica sobre quem fez o fato, o que é o fato, como, quando e por que.

Enquanto isso, a reportagem já abarca outras características que diferem da notícia. Por exemplo, voltando-se a Lage (1993) que coloca a reportagem como não ocupante da cobertura de um fato ou de uma série de fatos, mas do levantamento de um assunto.

Noticia-se que um governo foi deposto; fazem-se reportagens sobre a crise político-institucional, econômica, social, sobre a reconfiguração das relações internacionais determinada pela substituição do governante, sobre a conspiração que levou ao golpe, sobre um ou vários personagens envolvidos no episódio etc. (LAGE, 1993, p. 46).

Segundo Lage, a reportagem supõe um outro nível de planejamento diferente da notícia, seu estilo é menos rígido e varia de acordo com o veículo, o público e também o assunto. Diferentemente da notícia, a reportagem permite dispor as

informações em ordem decrescente de importância Lage (1993). Ou seja, não segue com rigor relatar as informações mais importantes primeiramente como faz a notícia.

Além disso, Martins (1990) destaca o caráter da profundidade que é atributo da reportagem, enquanto que a notícia descreve somente o fato, como foi relatado anteriormente. O autor, no *Manual de Redação do Estado de São Paulo*, fala que a reportagem busca uma sequência investigativa que não cabe na notícia.

### 3.2 JORNALISMO ESPORTIVO

Para Coelho (2011, p 8), os jornais passaram a dar mais valor ao esporte na década de 1910, em São Paulo, com o jornal *Fanfulla*, que tinha um público leitor essencialmente italiano:

A importância dos veículos que se dedicavam ao esporte começou mais cedo, no entanto. Em São Paulo, na década de 1910, havia páginas de divulgação esportiva no jornal *Fanfulla*. Não se tratava de periódico voltado para as elites, não formavam opinião, mas atingia um público cada vez mais numeroso na São Paulo da época: os italianos. Um aviso não muito pretensioso de uma das edições chamava-os a fundar um clube de futebol. Foi assim que nasceu o *Palestra Itália*, que se tornaria *Palmeiras* décadas mais tarde, no meio da Segunda Guerra Mundial. Nesse tempo, as poucas páginas dedicadas ao esporte nos diários paulistanos falavam sobre outra guerra. A travada entre os são-paulinos, que sonhavam tomar à força o estádio Parque Antártica dos palestrinos.

Após essa fase, Coelho (2011, p. 9) conta que já no início do século XX, o Rio de Janeiro passou a dedicar também cada vez mais dias ao futebol nos cadernos de esporte. Na época, os jogos das equipes cariocas foram ganhando muito destaque. Até que em 1931 possuísse um jornal próprio e específico para tratar do tema:

Em 1931, o *Jornal dos Sports* nasceu no Rio de Janeiro. A rigor, foi o primeiro diário exclusivamente dedicado aos esportes no país. O primeiro a lutar ferozmente contra a realidade que tomou conta de todos os diários esportivos a partir daí. A *Gazeta Esportiva* nasceu em 1928, mas como um suplemento do jornal *A Gazeta*, só se tornando um diário esportivo em 1947. (COELHO, 2011, p. 9).

Contudo, foi só no final da década de 60, ainda segundo Coelho (2011, p. 10) que fato os grandes jornais de esportes tomaram conta dos jornais. Em O Estado de São Paulo, o surgimento do *Caderno de Esportes*, que originou o *Jornal da Tarde*.

Já na segunda metade dos anos de 1960, com maior presença dos cadernos esportivos, o Brasil já se consolidava como um dos países com uma presença da imprensa esportiva muito forte Coelho (2011, p.10). Além disso, o autor adiciona dizendo que em 1967, o *Jornal da Tarde* mudou o foco de alguns jornalistas, focando em escândalos da administração dos cartolas que controlavam o futebol.

Além disso, Costa (2013), esclarece a respeito da maneira com a qual o esporte é tratado dentro dos jornais impressos e também na televisão. Para ele, outrora, a disposição das matérias sobre futebol e outros esportes possuía a mesma estratégia adotada pela televisão, a parte final.

Segundo Costa (2013), a televisão tratar de esporte no final é uma estratégia de permanência da audiência. Ocorre um anúncio nos blocos iniciais para ser tratado devidamente já ao final do programa.

O esporte, de fato, conseguiu uma relevância gigantesca. Segundo Costa (2013), as explicações não são somente jornalísticas, mas empresariais. O esporte vende muito e o futebol é a modalidade mais popular. Vale-se, dessa forma, retomar aquilo que Reis (2020) expressou, pois, para ele, a maioria dos campeonatos alcança milhares de pessoas e com repercussões em vários programas esportivos.

No período de ditadura militar no país (1964-1985), a editoria de esportes passou a ser uma espécie de refúgio para jornalistas. No caso, dentro dessa editoria possuíam uma liberdade maior do que comparada a outras editorias, Shuen (2005). Dentro do esporte, segundo a autora, não é levada de uma maneira séria e muitas vezes puxada para o lado do entretenimento.

Além de figuras importantes como João Saldanha, já mencionadas neste trabalho. Vale lembrar também outros personagens como Nelson Rodrigues. Shuen (2005) destaca que o jornalista brasileiro nos anos 50 teve papel de destaque também fazendo duras críticas à ditadura militar, nas matérias de resultado das partidas.

### 3.3 LIBERDADE DE EXPRESSÃO

Freitas e Castro (2013) compreendem a liberdade de expressão como um poder de autodeterminação pelo qual o Estado reconhece em suas constituições por se tratar de um direito fundamental a todo e qualquer indivíduo. Tôrres (2013) acrescenta ainda que não há vida digna sem que o sujeito possa se expressar a

partir de suas convicções e de seus desejos. Além de garantir voz aos cidadãos na manifestação de correntes políticas e ideológicas.

De acordo com a autora, não se restringe tão somente com questões envolvendo participação política e também o direito de exercer seu papel de acordo com suas convicções e desejos, conforme dito anteriormente, mas indo mais além disso:

Ademais, as liberdades comunicativas não se restringem a viabilizar a participação política da população, mas também tornam possível a livre interação social no que concerne à cultura, à economia, à religião, à educação etc. Em suma, a liberdade de expressão é condição necessária ao exercício da cidadania e ao desenvolvimento democrático do Estado, na consolidação de uma sociedade bem informada e coautora de seus sistemas político e jurídico (TÔRRES, 2013, p. 62).

Na Constituição Federal de 1988<sup>17</sup>, a liberdade de expressão é um dos pontos mais importantes e devidamente assegurados pela legislação brasileira. Segundo o próprio documento constitucional, o Art. 5º compete em ter os direitos fundamentais com seus 78 incisos. Os que dizem respeito à liberdade de expressão destaca-se o IV que trata da livre circulação de pensamento e do IX que diz respeito à liberdade de expressão da atividade intelectual, artística, científica e de comunicação.

---

<sup>17</sup> BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, DF: Presidente da República, [2020]. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicaocompilado.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm). Acesso em: 20 abr. 2022.

## 4 METODOLOGIA

Para a produção dessa grande reportagem foram feitas ao total sete entrevistas com cinco jornalistas esportivos e dois ex-jogadores de futebol. Foram tocadas diferentes questões dentro do tema da manifestação política dentro do jornalismo esportivo e também dentro do futebol.

Inicialmente, o trabalho teria como foco principal a manifestação política por parte dos jogadores de futebol e não pelos jornalistas esportivos. Dessa forma, em reuniões iniciais feitas com o professor Fernando Oliveira Paulino e com o coordenador, Octavio Pieranti, foi feita uma lista com os principais nomes de jogadores de futebol que já tenham se manifestado politicamente, juntamente com jogadores que vêm desempenhando esse papel na atualidade.

Além disso, foi organizada uma lista com jornalistas esportivos para que pudessem ser ouvidos e que já tinham debatido a temática anteriormente e também de alguns dirigentes de clubes. O convite para os jornalistas, jogadores e dirigentes foi feito via e-mail e também em contato das redes sociais dos selecionados.

Na reunião, ficou estabelecido que seriam ouvidas ao total 10 pessoas. Dentre elas, cinco jogadores e aí, estão incluídos também ex-jogadores e também jornalistas.

Ao todo, foi feito contato com 12 jogadores que também incluíam ex-jogadores de futebol (Afonsinho, Reinaldo, Casagrande, Paulo André, Aranha, Grafite, Gerson, Igor Julião, Marta, Hyuri, Sofia Sena, Tinga). Do lado dos dirigentes, foi feito contato apenas com Guilherme Bellintani e Márcio Braga. Dos jornalistas, inicialmente, entrou-se em contato também com 12 profissionais (Paulo Calçade, Marcos Luca Valentim, Mauro César Pereira, Xico Sá, Juca Kfourir, Milly Lacombe, Bernardo Ramos, Karine Alves, Fernanda Gentil, Breiller Pires, Flávio Gomes, Maíra Nunes).

Como apenas dois jogadores deram retorno e demonstraram interesse em conversar a respeito do tema, nenhum dos dois dirigentes deu retorno e cinco jornalistas toparam fazer a entrevista, percebeu-se a possibilidade de reorganizar o TCC, priorizando, na grande reportagem, o contato com os jornalistas.

Para isso, houve reflexão sobre o número de profissionais que seriam ouvidos. Os principais critérios de seleção foram verificar a utilização dos profissionais de seus perfis nas mídias sociais e também de seus posicionamentos

em programas esportivos e canais como, blogs, jornais e dentre outros como meios para tratar de manifestação política.

Dos jornalistas esportivos que demonstraram interesse e possibilidade em dar entrevista, destacam-se:

- a) Breiller Pires, jornalista dos canais da ESPN e editor-chefe do *The Players Tribune*, no Brasil, tendo passagem também pela revista Placar.
- b) Maíra Nunes, ex-repórter do Correio Braziliense e atualmente comentarista junto a TV Real Brasília.
- c) Paulo Calçade, assim como Breiller Pires, jornalista da ESPN, tendo passagens por Gazeta Esportiva, Diário Popular, Jornal do Brasil e Folha de São Paulo.
- d) Flávio Gomes escritor e jornalista, que teve passagens por ESPN e Fox Sports.
- e) Marcos Luca Valentim, que é editor de esportes da Globo.
- f) Afonsinho e Aranha, dois ex-jogadores de futebol.

No próprio convite para os entrevistados, ficou estabelecido um tempo de uma hora para cada entrevista.

Foram elaboradas perguntas para os entrevistados discorrerem acerca da temática da grande reportagem. Para os jornalistas, foram apresentadas um total de 18 perguntas, conforme exposto no Apêndice.

Nenhuma das entrevistas com os jornalistas foi realizada presencialmente, ficou estabelecido que seriam feitas pelo *Zoom*. As entrevistas com Breiller Pires e com Flávio Gomes foram feitas pelo próprio *Whatsapp*, devido imprevistos que tiveram em suas agendas.

A única entrevista presencialmente foi feita em 4 de março de 2022 com o ex-jogador Afonsinho, com distanciamento indicado pelas normas de biossegurança, incluindo a utilização de máscara. A conversa teve duração de 50 minutos, tocando em todos os pontos citados nas perguntas.

A entrevista com o ex-goleiro Aranha foi feita por *Zoom*.

Em 28 de fevereiro, datou a entrevista com o jornalista Breiller Pires. Foi encaminhada as perguntas para ele sendo respondidas em áudio. Vale destacar que Breiller preferiu fazer um apanhado de todas as perguntas e respondê-las uma a uma.

Em 10 de março foi a vez da entrevista da jornalista Maíra Nunes. A conversa teve duração de 1 hora e 5 minutos e foi feita pelo *Zoom*. A jornalista tocou em várias questões importantes que foram além das perguntas feitas, ela contou um pouco da realidade do futebol feminino e também sobre a questão das mulheres dentro do mercado de trabalho da Comunicação.

No dia seguinte, foi a vez da entrevista com Paulo Calçade, mais uma vez, a entrevista foi feita pelo *Zoom*. Ao todo, a conversa durou 47 minutos. Em 16 de março, foi a vez do ex-goleiro Aranha. A entrevista teve duração de 36 minutos, com ele tocando em questões raciais, sua carreira como atleta e dentre outras.

Já no encerramento das entrevistas, no dia 17 de março foi a vez de conversar com Marcos Luca Valentim. A conversa teve duração de 53 minutos, com o jornalista sendo fundamental na elaboração do tópico referente ao monopólio do discurso, citado em outras oportunidades também por Maíra Nunes e por Breiller Pires.

No mesmo dia, o jornalista Flávio Gomes repassou suas respostas via *Whatsapp*. Em seguida, foi a vez de organizar todo o trabalho e começar a inserir seus trechos na grande reportagem.

Primeiramente, surgiu a ideia de exemplificar a questão da manifestação política de jornalistas esportivos. Com isso, teve-se a ideia de incluir a Copa América 2021 aqui no Brasil, pois se mostrava com um excelente exemplo, uma vez que as discussões envolvendo a competição foram além do próprio evento em si.

Após a escolha da Copa América como essa ferramenta para exemplificar a discussão, foi feita também uma escolha dos principais profissionais de imprensa que se manifestaram a respeito da decisão de o Brasil ser anfitrião.

Buscou-se profissionais de relevância e que também fizessem parte do dia a dia do brasileiro. O jornalista Paulo Calçade foi uma importante fonte, uma vez que foi um dos jornalistas que se posicionou contrário ao evento sul-americano.

Junto às entrevistas, foi desenvolvido um estudo bibliográfico para saber aquilo que poderia ser melhor aproveitado e quais as questões mais relevantes de que fato não poderiam ficar de fora da grande reportagem. Dentre os autores consultados estão Paulo Vinícius Coelho que traçou um pouco da história do jornalismo esportivo no Brasil e também de Eduardo Lopes Martins Filho que tratou a respeito da diferenciação entre notícia e reportagem.

A liberdade de expressão foi um dos primeiros temas que merecia estar presente no trabalho. Valia dizer sua importância, quanto ela precisa ser assegurada na democracia brasileira e também de seu período de ausência na ditadura militar.

Ademais, buscou-se inserir a opinião dos entrevistados a respeito da manifestação política, sobre o lugar mais adequado para se posicionar, o debate sobre de que maneira os veículos de imprensa observam essa postura desses profissionais e finalizando a respeito daquilo que eles acham que vai acontecer com a profissão e também sobre o ato de se posicionar politicamente.

Nas seguintes imagens da grande reportagem, mostra de maneira prática a aplicação dessas ideias.

**Figura 1: Liberdade de expressão**

**Liberdade de expressão**

A liberdade de expressão é um dos pontos mais essenciais da democracia. Dessa forma, segundo o Instituto Vladimir Herzog em seu site, três pilares se concentram na área de jornalismo e Liberdade de Expressão. A primeira delas, diz respeito em valorizar produções jornalísticas comprometidas com o interesse público e também com a promoção da cidadania. Além disso, contribuir com a formação dos futuros profissionais e investigar, denunciar e conter violações de direitos dos cidadãos.

Vale ressaltar também que a Constituição brasileira de 1988, no artigo 5º, garante a liberdade de expressão, de maneira que todos têm o direito de expressar suas opiniões, ideias, sentimentos, sem qualquer tipo de controle de censura.

Uma vez assegurada essa questão da liberdade, de que não só o jornalista, mas todos possuem esse direito. Vamos agora analisar a questão da manifestação política desses profissionais.

Para o jornalista da Globo, Marcos Luca Valentim, uma das questões observadas por ele é que, para as pessoas, muitas vezes a manifestação política está associada a ser à favor de partidos políticos. O jornalista se posiciona que nós somos corpos políticos e que nossa vida é política.

**gente se manifesta politicamente, a gente expande a nossa ideologia e a gente expõe o que a gente acha que está errado e o que está certo”.**

No passado, o ato de se manifestar politicamente tanto no esporte como em qualquer outra área, enfrentava duríssimas barreiras. Uma vez que a ditadura militar (1964-1985) retirava vários direitos dos cidadãos e os jornalistas não estavam excluídos desse fato.

A censura talvez tenha sido uma das principais armas do regime ditatorial estabelecido no Brasil no início dos anos 60. Dessa maneira, impedia qualquer tipo de mensagem contrária a seus ideais defendidos.

O jornalista, Flávio Gomes, relembra esse período duro do país de quando começou sua carreira dentro do jornalismo esportivo. Para ele, na época de quando entrou na área, em 1982, o ambiente pouco se falava de política, mas que alguns eram engajados em movimentos democráticos. Contudo, de fato, a partir de 1984, com as Diretas Já é que ficou mais claro esse posicionamento político desses jornalistas esportivos.

**“Bom, eu comecei em 1982. A ditadura ainda não tinha terminado. Jornalistas esportivos, na minha memória, não falavam muito de política. Mas alguns eram engajados em movimentos pela democracia, embora não se manifestassem nos veículos de imprensa para os quais trabalhavam. Isso começou a ficar mais claro a partir de 1984, com o movimento das Diretas Já”.**

Em relação ao meio esportivo de quando começou a carreira de jornalista, Flávio Gomes acrescenta:

**“Nós somos corpos políticos, nós somos pessoas políticas, a gente viver é um ser político. Então, político as pessoas entendem como sendo uma coisa somente ligada a partido, parlamentarismo, não é o caso, a nossa vida é política. Então, quando a gente se manifesta politicamente, a gente expande a nossa ideologia e a gente expõe o que a gente acha que está errado e o que está certo”.**

**“Mas é bom que se diga que o meio**

5

Fonte: Elaborado pelo autor



Figura 2: Existe lugar adequado para manifestar?

**Existe lugar mais adequado para se manifestar?**

A manifestação política esbarra em várias questões. Por exemplo, anteriormente, no período da ditadura militar, emitir opiniões, ainda mais contrárias ao regime militar eram bastante reprimidas.

Os locais em que se havia manifestação era por meio de textos e utilizando também do microfone em transmissões de televisão e rádio. Hoje em dia, com o avanço da tecnologia, as redes sociais se tornaram também esse espaço de se emitir opiniões, não só de jornalistas, mas de qualquer pessoa com livre acesso.

As redes sociais possuem um caráter mais pessoal, ou seja, o proprietário tem total controle e domínio de tudo que vai ser postado. Enquanto isso, em programas televisivos, quem detém o controle de tudo que é divulgado, falado, são os próprios proprietários dos meios.

Portanto, seriam as redes sociais um local mais propício para a livre exposição de ideias?

Para Paulo Calçade, tudo vai depender do tema que está sendo tratado. Não faz muito sentido, da mesma forma pela qual Marcos Luca apresentou o exemplo da eliminação do Fluminense, usar de um espaço de narração e se tratando da partida querer levantar questões que não condizem com o que está sendo apresentado.

Além disso, para Calçade, a emissora com a qual trabalha, no caso, a ESPN, trabalha com esportes e pautas políticas precisam compreender com veículos que tratam do assunto, mas claro, se fizer sentido dentro da cobertura esportiva, precisa ser abordado, não pode ser deixado de lado.

No caso da Copa América, por exemplo, fazia sentido falar a respeito do descaso do governo em trazer a competição para o país diante de uma crise sanitária com a qual o país passava.

Flávio Gomes concorda com Calçade, de que, de fato, existem espaços e momentos

mais adequados para tratar do assunto em questão, além disso, afirma também que não existem espaços que sejam proibidos.

**Flávio Gomes**

**"Claro que sim. Mas também não existem espaços proibidos. Há todo um conjunto de circunstâncias que levam um jornalista esportivo a se manifestar politicamente. Há determinados momentos em que a única forma de abordar determinado assunto é com viés político. E a gente não pode se recusar a fazer isso."**

Para Maira Nunes, o próprio veículo no qual trabalhou, o Correio Braziliense, proporcionou uma ambiente pelo qual ela tivesse mais liberdade para tocar em assuntos que fossem um pouco mais além do esporte.

Durante a cobertura da Copa do Mundo de futebol feminino, criou um blog ao lado da também jornalista, Maria Eduarda Cardin, chamado de "Elas no ataque", no blog, tinha mais liberdade de produção de conteúdo mais parecido com a coluna. Em muitas delas, mais opinativas, se posicionando, até mesmo com críticas à CBF (Confederação Brasileira de Futebol).

Ela fala a respeito de uma negociação entre o jornalista e o veículo pelo qual trabalha, se permitir que de fato essa opinião seja exposta. Ademais, destaca também que o perfil em rede social é, de fato, algo pessoal e ali a pessoa tem total liberdade para escrever o que quiser.

Marcos Luca acredita que o momento de se manifestar é em qualquer lugar e em qualquer hora. Claro, desde que faça sentido e não tente forçar um argumento, como foi des-

11

Fonte: Elaborado pelo autor

**Figura 3: A manifestação política no futebol**



Fonte: Elaborado pelo autor

Com relação às cores, buscou-se uma cor que figura-se o esporte e, como o futebol é um dos esportes estudados aqui, chegou-se a conclusão que a cor verde seria a mais indicada, juntamente com artifícios que lembrasse um campo de futebol.

A respeito da tipografia, buscou-se uma fonte que fosse moderna, por isso a utilização de fonte Panton com variações de Panton Black (12) para as aspas, a fim

de destacar aquilo que foi dito pelo entrevistado e também da Panton Black (20) para os títulos. Ao todo, foram seis títulos, que dizem respeito aos assuntos apresentados anteriormente, tais como: liberdade de expressão, a manifestação política, sobre o local de manifestação, sobre se existe repulsa dos veículos com os quais trabalham os jornalistas, a opinião destes para o que vem pela frente, ou seja, saber o que eles acreditam que vêm para o futuro da profissão, se o tratamento dos veículos e o tratamento do público vai mudar ou não e também adentrando a parte da manifestação política dentro do futebol.

Ademais, foi pensando também na colocação de imagens dos entrevistados para facilitar ao leitor o reconhecimento dessas figuras.

Já o encerramento, contando com a entrevista com Afonsinho e com Aranha, fazendo uma contextualização de suas histórias dentro do esporte e seu papel dentro da manifestação política. Constatou-se, segundo Aranha, que a falta de educação e conhecimento é o principal fator para ter tão poucos jogadores se posicionando.

## 5 CONCLUSÃO

A grande reportagem quis tocar em vários assuntos que dizem respeito a motivação dos entrevistados para se posicionarem, saber os locais mais adequados para tratar de assuntos de cunho político, saber a relação dos entrevistados com os veículos com os quais trabalham, além de saber o que eles pensam para o futuro da profissão.

Entretanto, apesar do trabalho ter se comprometido em discutir essas questões, outros pontos comentados pelos entrevistados fizeram com que outras discussões viessem à tona.

Sem dúvida, a questão do monopólio da fala foi uma delas. A maneira com a qual Marcos Luca se expressou e casou com a resposta dos outros entrevistados, que tocaram no mesmo assunto em relação a pluralidade dentro das redações e, conseqüentemente, a necessidade de abertura de espaço para novas pessoas, novas discussões e também de novos posicionamentos. Com isso, fez com que houvesse a necessidade de colocar o assunto dentro da grande reportagem.

Com relação a motivação para se posicionar, constatou-se opiniões que dizem respeito a não enxergar o esporte ou o futebol de uma maneira limitada, mas indo além disso e se comprometendo também em retratar outras questões que não dizem respeito necessariamente a partida. É o jornalismo, de fato, cumprir com sua função social, como afirmou Flávio Gomes.

Com relação aos locais mais adequados para se posicionar, pôde-se observar o posicionamento dos jornalistas entrevistados. Para Flávio Gomes, por exemplo, não existem espaços proibidos para se posicionar. Já Calçade, acredita que dependendo da temática e se fizer sentido, deve sim ser colocado, como o próprio caso da Copa América em que a pauta não tratou de somente falar dos jogos, mas também analisar o contexto fortíssimo e que não poderia ficar de fora que era a escolha do Brasil como sede do evento esportivo.

Agora, dentro da parte envolvendo a relação dos jornalistas com seus veículos, o que se observou é a liberdade com que esses profissionais possuem em se manifestar é algo que não os atrapalhou necessariamente. Contudo, eles manifestaram consciência de que muitas vezes os veículos possuem um certo controle da opinião de seus subordinados.

Já finalizando, a respeito do que esses profissionais pensam da manifestação política no jornalismo esportivo, há muitas indefinições, mas com alguns, como no caso Breiller Pires, Marcos Luca Valentim acredita que pode abrir cada vez mais espaço e que possa ter mais profissionais influentes nesse âmbito. Além de, segundo Valentim, ser uma exigência do mercado, ter profissionais que opinem e não fiquem isentos.

Constatou-se também com relação ao público ainda existe muito daquela ideia de que o jornalista esportivo deve-se concentrar única e exclusivamente no campo do esporte e não deve tocar em assuntos políticos.

Com relação aos jogadores de futebol, foi possível concluir que, segundo Afonsinho, os jogadores estão cada vez mais individualizados e são poucos aqueles que se comprometem com causas coletivas. Sobre o fato de ter tão poucos jogadores que se manifestem, o ex-jogador apontou que a carreira curta e conturbada dos atletas afeta nesse fato deles não exporem suas opiniões políticas.

Enquanto isso, Aranha aponta que a falta de conhecimento e de estudo é um fator determinante para que tão poucos jogadores se manifestem. O ex-goleiro comparou a situação dos jogadores do Brasil com os jogadores de basquete da NBA, a liga norte-americana. Em síntese, concluiu-se que os jogadores de basquete dos Estados Unidos possuem mais bagagem de conhecimento e estudo, uma vez que saem das universidades e vão jogar a Liga. Tendo mais estudo, abre portas para que esse atleta se atenha a outras questões que vão além do esporte.

Por último, percebeu-se a possibilidade de desenvolver mais com projetos futuros, ouvindo mais jogadores e ex-jogadores a respeito do tema. A fim também de saber suas motivações, de que maneira os clubes enxergam esse jogador que se manifesta, a importância que se tem um jogador de futebol que toca nesses assuntos e dentre outros.

## REFERÊNCIAS

ASSESSORIA CBF. Hyuri celebra primeiro gol com a camisa do Atlético-GO e comenta gesto antirracista: 'precisamos mudar o mundo'. **CBF**, 2020. Disponível: <https://www.cbf.com.br/futebolbrasileiro/noticias/campeonato-brasileiro-serie-a/hyuri-marca-o-primeiro-com-a-camisa-do-atletico-goe-declara-e-impor>. Acesso em: 11 dez. 2021.

BONSANTI, Bruno. Guardiola é denunciado pela Federação Inglesa por usar laço pela independência da Catalunha. **Trivela**, 2018. Disponível em: <https://trivela.com.br/guardiola-edenunciado-pela-federacao-inglesa-por-usar-laco-pe-la-independencia-da-catalunha/>. Acesso em: 12 dez. 2021.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidente da República, [2020]. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicaocompilado.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm). Acesso em: 20 abr. 2022.

COELHO, P. **Jornalismo Esportivo**. São Paulo: Contexto, 2011.

COSTA, Renan Apuk da Silva. **Jornalismo esportivo e nacionalismo de ocasião: análise da cobertura da Copa das Confederações 2013 pelo Linha de Passe da ESPN Brasil**. 2013. 146 f. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Comunicação Social) — Universidade de Brasília, Brasília, 2013. Disponível em: <https://bdm.unb.br/handle/10483/7318?mode=full>. Acesso em: 15 abr. 2022

CUNHA, Paulinho. No resenha ESPN, Emerson Leão revela: "Democracia Corinthiana não era tão democrática assim". **Torcedores.com**, 2017. Disponível em: <https://www.torcedores.com/noticias/2017/07/leao-diz-democracia-corintiana-nao-era-taodemocratica>. Acesso em: 12 nov. 2021

EL PAÍS BRASIL. Justiça espanhola decreta prisão de líderes de movimento pró-independência da Catalunha. **El País**, 2017. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2017/10/16/internacional/1508137356\\_829076.html?rele=mas](https://brasil.elpais.com/brasil/2017/10/16/internacional/1508137356_829076.html?rele=mas). Acesso em: 07 dez. 2021.

FERNANDES, Thamyris. Qual o esporte mais popular do mundo?. **Segredos do Mundo**, c2021. Disponível em: <https://segredosdomundo.r7.com/qual-e-o-esporte-mais-popular-do-mundo/>. Acesso em: 05 nov. 2021.

FERNANDEZ, Martín. Em reviravolta, Brasil é escolhido a nova sede da Copa América. **Globo Esporte**, 2021. Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/copa-america/noticia/copa-america-emreviravolta-conmebol-decide-sediar-torneio-no-brasil.ghtml>. Acesso em: 09 abr. 2022.

FREITAS, Riva Sobrado de; CASTRO, Matheus Felipe de. Liberdade de Expressão e Discurso do Ódio: um exame sobre as possíveis limitações à liberdade de expressão. **Sequência**, Florianópolis, 2013. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/seq/a/jMNNxJYNjB94hXQNXbzTgMx/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 20 abr. 2022.

GARCIA, Cláudia; SCHMIDT, Felipe. Enigma Benzema: o craque “árabe” que não cai nas graças da França. **Globo Esporte**, 2015. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/futebol/futebolinternacional/noticia/2015>. Acesso em: 29 dez. 2021.

GLOBO ESPORTE. Benzema justifica silêncio durante hino da França: “Incita a guerra”. **Globo Esporte**, 2018. Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/futebol/futebolinternacional/noticia/benzema-justifica-silencio-durante-hino-da-franca-incita-a-guerra.ghtml>. Acesso em: 29 dez. 2021

GLOBO ESPORTE. Democracia Corinthiana: entenda o que foi e como se organizou o movimento contra a ditadura. **Globo Esporte**, 2020. Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/futebol/times/corinthians/noticia/ultimas-noticias-corinthiansdemocracia-corinthiana-movimento-contra-ditadura.ghtml>. Acesso em: 04 abr. 2022.

GONÇALVES, T.L. O curioso caso João Saldanha: Representações a partir do documentário Memórias do chumbo - O futebol nos tempos do condor. **Revista de Ciências Sociais e História**, São João Del Rei, 2016. Disponível em: <http://seer.ufsj.edu.br/index.php/temposgerais/article/view/1992>. Acesso em: 08 abr. 2022.

LAGE, N. **Estrutura da Notícia**. São Paulo, 1993.

LÁZARO, João Pedro Prado Mercês; MATOS, Rita de Cassia Aragão. Rebelia em revista: João Saldanha, Afonsinho e Reinaldo nas páginas de Placar. Recorde: **Revista de História do Esporte**, Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/Recorde/article/view/35492>. Acesso em: 05 abri. 2022.

LOBO, Felipe. Benzema se recusa a cantar hino e revolta grupo radical. Trivela, 2013. Disponível em: <https://trivela.com.br/benzema-se-recusa-a-cantar-hino-e-revolta-grupo-radical/>. Acesso em: 29 dez. 2021.

MATOS, J. P.R. Ensino do jogo de futebol: Revisão e proposta metodológica. Instituto Politécnico de Castelo Branco, 2016.

MARTINS, F. E. L. **Manual de Redação e estilo de O Estado de S. Paulo**, São Paulo: O Estado de S. Paulo, 1990.

PEINADO, Q. **Futebol à esquerda**. São Paulo: Madalena, 2017.

PIRES, Breiller. João Saldanha: o técnico que atormentou a ditadura. **El País**, 2017. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2017/07/01/deportes/1498862110\\_086687.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2017/07/01/deportes/1498862110_086687.html). Acesso em: 10 abr. 2022.

PLACAR. Guardiola é multado em protesto político em mais de R\$ 90 mil reais.

**Placar**, 2018. Disponível em:

<https://placar.abril.com.br/placar/guardiola-e-multado-por-protesto-politico-em-mais-de-r-90-mil/>. Acesso em: 22 abr. 2022.

REDE TV. Casagrande critica falta de posicionamento político de jogadores à política no Brasil. **YouTube**, 2021. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=6aCX92ZaP88>. Acesso em: 11 dez. 2021

RICCO, Flávio. Copa do Mundo será transmitida para 219 países e territórios. **Uol**, 2018. Disponível em:

<https://tvefamosos.uol.com.br/colunas/flavio-ricco/2018/06/12/copa-da-russia-sera-transmitidapara-212-paises.htm>. Acesso em: 15 nov. 2021.

REIS, Rodrigo Nascimento. Valores-notícia e futebol: um estudo da cobertura do The New York Times nas Copas do Mundo de 2014 e 2018. **Novos Olhares**, 2020.

Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/novosolhares/article/view/166112>. Acesso em: 11 nov. 2021.

SHUEN, Li-Chang. Noticiário Esportivo no Brasil: uma resenha histórica. **Revista Lâmina**, Recife/Pernambuco, v.1, p.1-20, 2005. Disponível em:

<https://docero.com.br/doc/x010cn8>. Acesso em: 10 maio 2022.

SODRÉ, M. **A narração do fato: notas para uma teoria do acontecimento**.

Petrópolis: Vozes, 2009

TÔRRES, C.F. O direito fundamental à liberdade de expressão e sua extensão.

**Revista de Informação Legislativa**. Belo Horizonte, 2013.



## APÊNDICES

### 1. *Script* de Perguntas

#### **Perguntas apresentadas para os jornalistas Flávio Gomes, Máira Nunes, Marco Lucas Valentim, Paulo Calçade, Breiller Pires:**

- 1) Qual era sua opinião a respeito da manifestação política de jornalistas antes de começar a sua carreira dentro do esporte? Em sua opinião, quando você começou, havia mais ou menos jornalistas esportivos que se manifestavam politicamente?
- 2) Você acredita que ao longo dos anos existiu uma tentativa de silenciar atletas e jornalistas em assuntos que transcendem o esporte? Isso mudou com o passar do tempo?
- 3) Você concorda que jornalistas esportivos têm se manifestado politicamente com mais frequência nas redes sociais e também dentro dos programas esportivos? Se sim, por que isso acontece?
- 4) Qual a sua principal motivação para expressar sua opinião política? Quais os seus canais favoritos? Há uma diferença no uso que você faz dos canais?
- 5) De que forma seu público, diretores e patrões enxergam isso? Existe algum tipo de reação negativa por você não estar tratando, em tese, de um assunto diretamente ligado ao esporte?
- 6) Como você analisa o uso e impacto de expressar opiniões políticas nas redes sociais dentro do segmento esportivo?
- 7) Como você analisa o impacto de emitir opiniões políticas em sua vida profissional?
- 8) Você considera que existem espaços ou momentos mais adequados para a manifestação de posicionamentos políticos? Seriam as redes sociais espaços mais propícios para esse tipo de manifestação?

9) De que maneira os veículos de imprensa, seus editores e proprietários enxergam quem se manifesta politicamente? Você teria alguma história em on ou off sobre isso?

10) Existe algum tipo de contrariedade ou punição/repressão por parte dos veículos de imprensa contra jornalistas esportivos que expressam sua opinião em redes sociais ou em programas esportivos?

11) Acredita que seja uma tendência jornalistas esportivos cada vez mais manifestarem politicamente em programas esportivos e nas redes sociais ou o momento que vivemos de pandemia e polarização política acentuada é excepcional?

12) Você se sente livre para expressar o que quiser na rede social ou sente que não pode expressar tudo o que quer?

13) Você acredita que a política e as políticas públicas também deveriam ter destaque dentro dos programas e conteúdos esportivos?

14) Hoje em dia, a tendência dos veículos esportivos é dar mais liberdade para que o jornalista esportivo expresse a sua opinião ou você acredita que a tendência é mais de fazer com que isso não aconteça?

15) Você acredita que no futuro teremos muito mais jornalistas esportivos engajados politicamente?

16) Acredita que no futuro haverá ainda repressão quando um jornalista esportivo expressar sua opinião nas redes sociais ou num programa esportivo?

17) Crê que haverá alguma mudança significativa na maneira como público ou os gestores dos veículos tratam a manifestação política de jornalistas?

18) Algo mais que você considera relevante para a grande reportagem que estamos fazendo?

**Perguntas apresentadas para os ex-jogadores Afonsinho e Aranha:**

- 1) Por que você se manifestou politicamente?
- 2) Como seu clube lidou com esse ato?
- 3) Que tipo de repressão sofreu?
- 4) Existe algum arrependimento acerca de tudo que foi falado?
- 5) Qual impacto em sua carreira?
- 6) Como foi lidar com todas as críticas recebidas quando se manifestou?
- 7) Acredita que teria mais oportunidades caso não se manifestasse?
- 8) Por que tão poucos jogadores assumem posições políticas e usam o gramado como palco para se manifestarem?
- 9) O que deve ser feito para que mais jogadores se manifestem?
- 10) Acredita que entidades do futebol como FIFA e CBF e empresários tentam de alguma forma fazer com que esse jogador de futebol se concentre somente no jogo e não discuta outros assuntos?
- 11) Qual o papel da educação em sua vida?
- 12) Acredita que ela teve forte influência em sua carreira como jogador de futebol?
- 13) Acha que algum dia poderemos ter mais jogadores de futebol engajados politicamente

2. Grande reportagem:



# Manifestação política no jornalismo esportivo

Autor: Gabriel de Jesus Queiroz  
Arte: Cibele Umbelino  
Diagramação: Vinícius Val

Em 9 de abril de 2019, a Conmebol – entidade que rege o futebol sul-americano – anunciou que Argentina e Colômbia seriam as duas sedes a receber em 2020 a Copa América – o torneio mais importante e mais antigo da América do Sul. Além das tradicionais seleções do continente, a edição também contaria com a presença de outros dois países convidados, o Catar e a Austrália.

A competição já era dada como certa, estando a seleção brasileira com estreia confirmada no dia 14 de junho de 2020 diante da Venezuela, no estádio Olímpico Pascual Guerrero, em Cali, na Colômbia. Entretanto, essa partida não aconteceu.

Primeiramente, o ano de 2020 ficou marcado pela pandemia da Covid-19. Com isso, todas as atividades esportivas tiveram de ser suspensas até que o vírus fosse de fato controlado. Consequentemente, a Conmebol decidiu prorrogar a Copa América, que teria início em junho daquele ano.



“Após uma detalhada análise da situação em torno da evolução mundial e regional do Coronavírus (Covid-19), e das recomendações realizadas pelos organismos internacionais em matéria de Saúde Pública para extremar as precauções, a Conmebol comunica o adiamento da edição 47ª da Conmebol Copa América nas datas de 11 de junho a 11 de julho de 2021”, informou a entidade pelo Twitter em 17 de março de 2020.

No mesmo ano, outros eventos esportivos previamente marcados tiveram também de ser adiados. Foi o caso das Olimpíadas em Tóquio e da Eurocopa.

O que a Conmebol não esperava era que seu plano de realização do torneio viesse

por água abaixo. Primeiramente, vários protestos aconteceram na Colômbia, uma das sedes, contra a reforma tributária do presidente Iván Duque. A proposta de mudança legal provocou uma onda de manifestações pelas ruas das principais cidades colombianas. Houve, inclusive, pedidos, por meios de cartazes, pela não realização da competição no país. Diante do acontecimento, Colômbia quis continuar sendo uma das sedes e, para isso, pediu que a competição fosse adiada para novembro. O pedido foi imediatamente recusado pela Conmebol:

**“Por motivos relacionados ao calendário internacional de competições e à logística do torneio, é impossível transferir a Copa América 2021 para o mês de novembro”.**

Após essa tentativa de adiamento por parte do governo colombiano, a Conmebol decidiu anunciar que a Argentina, a outra sede, receberia todos os jogos. O que a Conmebol não esperava era que o país também viesse a desistir de receber a competição.

No primeiro momento, o presidente da Argentina, Alberto Fernández, chegou a confirmar que o país teria condições de sediar a Copa América. Entretanto, o ministro do interior, Eduardo “Wado” de Pedro, falou que seria inviável a realização da competição em cidades como Mendoza, Córdoba, Buenos Aires, Tucumán e Santa Fé.

Com números assombrosos da Covid-19, a Argentina decidiu não mais receber a Copa América. Dessa forma, a Conmebol enfrentou outro grave problema. Faltando menos de duas semanas para a realização dos jogos, precisava de uma nova sede o mais rápido possível, o que não demorou muito para encontrar.

No dia 31 de maio de 2021, em uma reunião urgente para decidir um novo lugar para receber a Copa América, a Conmebol decidiu transferir para o Brasil a realização do torneio. A entidade teve o sinal verde do gover-

no federal e, inclusive, agradeceu ao presidente, Jair Messias Bolsonaro, por “abrir as portas desse país” para o “evento esportivo mais seguro do mundo”.

Rapidamente, após a decisão, uma onda de críticas tomou conta do país. Um dia antes de a Conmebol cravar o Brasil como sede, o país ocupava a segunda colocação em número de mortes desde o começo da pandemia. Além disso, no domingo que antecedeu a decisão de colocar o país como sede, o Brasil registrou 874 mortes por Covid-19 e outros 43.520 novos casos. Ao todo, eram 16.515.120 contaminados e 461.931 vítimas, segundo a revista Placar – números alarmantes que superavam os da Argentina.

Na época, o Brasil tinha somente 10% de sua população com a segunda dose da vacina contra o coronavírus e também havia registrado a chegada da variante da covid B.1.617, conhecida também como a cepa indiana, em seu território nacional, próximo de uma segunda onda.



A repercussão da realização da Copa América no país foi bastante negativa. Dentro do jornalismo esportivo, houve muita revolta e indignação a respeito da escolha do Brasil como sede diante desse contexto de crise na pandemia pelo qual o país passava.

Dessa forma, vários jornalistas esportivos usaram de seus perfis em redes sociais e de seus programas esportivos para expressar opiniões e críticas contra a Copa América no Brasil.

No programa Donos da Bola exibido na TV Bandeirantes após decisão da Conmebol, o apresentador e ex-jogador de futebol Neto, mais conhecido como Craque Neto, expressou bastante repulsa:

**“Por falar em saúde, vamos deixar bem claro o meu posicionamento em relação à Copa América, uma vergonha um país que está com quase 500 mil mortos em relação ao Covid-19 [...].”**

**“O problema não é fazer a Copa América, é óbvio que a gente tem campeonato da Copa do Brasil, a gente tem campeonato da Libertadores, a gente tem Paulista, sem torcida, sem nada. É como a Copa América veio para nós. Peraí, primeiro, não pode ir pra Colômbia porque tem guerra civil, não pode ir pra Argentina, porque subiu 40% do covid, Chile por causa disso também. Ai, em menos de uma semana a Copa América vem pra cá [...]”, disse o apresentador em 1 de junho de 2021.**

Em outro canal, dessa vez uma emissora de rádio, a Jovem Pan, o jornalista esportivo Flavio Prado ironizou a escolha da Conmebol:

**“Acho que com pequenas adaptações dá pra fazer, acho que ao invés de se chamar Copa América, pode-se chamar ‘Cova América’ “.**

O narrador da Globo Galvão Bueno, em seu programa Bem Amigos, no canal Sportv, alertou que os números de contaminados e mortes poderiam aumentar, uma vez que as delegações estrangeiras trazem muitas pessoas de fora, além de jornalistas do mundo inteiro para cobrir a competição.

**“É gente que pode contaminar ou pode ser contaminada, que pode trazer uma cepa nova ou levar uma cepa nova para seu país, que pode complicar ainda a vida das pessoas e dos países. E sabe quando que é isso? Daqui a menos de duas semanas,**

**porque começa daqui a 13 dias, daqui a uma semana as seleções estão por aqui [...]**", disse o narrador e também apresentador.

Contudo, o maior gesto de indignação ficou com o colega de emissora de Galvão Bueno, Luis Roberto, que soltou o verbo no programa Seleção Sportv:

**"[...] Estou falando na questão esportiva, além de desfaltar os times, amontoar o calendários, um mês de Copa América já seria ridículo a realização dela em condições normais, aí vem a notícia da desistência de vários países irmãos que não têm condições, por conta da pandemia, de realizar a Copa América, e no país que tem a pandemia descontrolada, que levou nove meses pra responder à carta da Pfizer, respondeu em 10 minutos que vamos fazer a Copa América com abertura em Brasília, Natal, Pernambuco e com final com público!! Não é possível, é inaceitável, a sociedade brasileira, a coletividade do futebol e do esporte, nós não podemos aceitar essa decisão. Sinceramente, que se realize, que faça o que eles entenderem, que os negacionistas façam caravanas agora para Brasília, pra público na grande final, momento apoteótico dessa porcaria dessa competição [...]"**, disse já aos gritos o narrador da TV Globo.

O jornalista da ESPN Brasil, Paulo Calçade, no programa Futebol no Mundo, contestou também a escolha do Brasil como uma das sedes:



Paulo Calçade

**"Por que a Copa América saiu da Argentina? Por que a Argentina tem uma crise sanitária, de saúde, de aumento de casos de covid. Sempre é bom lembrar, a gente tá no meio de uma pandemia, embora, às vezes, não pareça. Então, a Argentina falou 'eu não posso realizar'. A Argentina pensou primeiro na sua crise e no seu povo. E aí veio o Brasil e ignorou tudo isso. É uma Copa América que não vai ter público. Era só o que faltava. O Luis Suárez [craque da seleção uruguaia] até se manifestou: 'poxa, essa Copa América não poderia existir'. Mas isso aí não entra na cabeça de nenhuma autoridade, principalmente na América do Sul, onde a crise tá braba ainda. Saiu da Colômbia porque tiveram uma nova mudança na legislação, que ali as pessoas foram pra rua, porque também o povo levou uma série de problemas e isso se tornou hostil para a Copa América. Saiu da Colômbia e fica só na Argentina, Argentina crise sanitária, não dá mais pra fazer. E o Brasil, que não tem problema nenhum, abraça a Copa América. É um susto, tem um fator da saúde e também o esportivo"**.

Além disso, Calçade também se colocou como contrário à volta do futebol e de outros campeonatos que estavam acontecendo naquele período, como o caso do Campeonato Brasileiro.

O jornalista não só tratou disso dentro do programa esportivo, como também escreveu em um post em seu perfil no Instagram juntamente com uma imagem da taça da Copa América com vários vírus da Covid atrás da taça e os dizeres embaixo: "Conmebol Covid América Brasil 2021".

Na ocasião, o jornalista do grupo Disney também atacou diretamente o governo devido à maneira pela qual vinha gerindo a pandemia da Covid-19, ao descaso com a vacina e ao fato de diminuir os graves efeitos do vírus. No post, escreveu:

**"E quando você imagina que todo o**

**estoque de perversidades já foi utilizado, seja negando a pandemia ou fazendo pouco caso das vacinas (situações para as quais não faltam provas), eis que surge uma Copa América no horizonte do Brasil.”**

**“É inacreditável, um deboche. O futebol nacional continua em ação por aqui e é preciso minimizar os riscos que isso representa, mas a competição internacional é descabida no momento atual.**

**“Não custa lembrar que uma terceira onda, com potencial maior de casos e mortes, pode estar em curso. A cepa indiana já está entre nós, a Ceba América poderia ser evitada.**

**“É hora de proteger as pessoas e o país, só isso”.**

Nos comentários, vários seguidores concordaram com a opinião do jornalista, enquanto outros defenderam que ele estava irritado porque sua emissora não ia transmitir os jogos e chamaram Calçade de hipócrita, por sua opinião contrária à Copa América sem fazer posts em relação à Copa Libertadores (sendo que a emissora na qual trabalha o jornalista transmite os jogos).

A questão é que, mesmo antes, o jornalista se manifestou contra a volta do futebol e o retorno da realização de qualquer competição.

Ainda a respeito do post, havia comentários de que, hoje em dia, está tudo politizado e de que os comentaristas, assim como Calçade, deveriam parar de fazer politicagem.

Tanto o jornalista da ESPN como os outros citados anteriormente sofreram algum tipo de comentário de que deveriam focar somente no futebol, no jogo em si, e não expor opiniões de cunho político.

**“A Copa América aqui tinha um contexto político gigantesco. Não tem como simplesmente só comentar. Por que ela veio?”**

**Qual o interesse? Então acaba virando algo político”,** disse Calçade para esta grande reportagem.

A manifestação política de jornalistas esportivos sempre teve uma repercussão negativa considerada, uma vez que o esporte é muitas vezes visto, única e exclusivamente, como entretenimento. Dessa forma, espaços para debater e se posicionar politicamente dentro do esporte sempre sofreram barreiras por parte do público e dos veículos de comunicação.

Em 2020, a morte do negro George Floyd por um policial branco desencadeou uma onda de protestos nos Estados Unidos em defesa das vidas negras. Nas redes sociais, o movimento ganhou corpo e, como forma de apoio ao movimento antirracista, vários posts com a hashtag BlackLivesMatter (Vidas negras importam).

O jornalista Paulo Calçade fez um post em seu Instagram de concordância com o movimento. Era uma foto preta com BlackLivesMatter escrito na descrição da imagem. Em mais uma oportunidade, o post recebeu comentários de aprovação, mas também de reprovação, como a frase: “+ esporte – política”.

Então, quais são os limites de um jornalista esportivo ao tratar de assuntos políticos? Existem esses limites? Um jornalista esportivo deve se sujeitar tão somente a relatar e informar aquilo que acontece apenas dentro do esporte? Pode ir além e dar sua opinião nesses assuntos?



## Liberdade de expressão

A liberdade de expressão é um dos pontos mais essenciais da democracia. Dessa forma, segundo o Instituto Vladimir Herzog, em seu site, três pilares se concentram na área de jornalismo e liberdade de expressão. O primeiro deles diz respeito a valorizar produções jornalísticas comprometidas com o interesse público e com a promoção da cidadania; contribuir com a formação dos futuros profissionais; e investigar, denunciar e conter violações de direitos dos cidadãos.

Vale ressaltar que o artigo 5º da Constituição brasileira de 1988 garante a liberdade de expressão, de maneira que todos têm o direito de expressar suas opiniões, ideias, sentimentos, sem qualquer tipo de controle e censura.

Uma vez assegurado que não só os jornalistas, mas todos possuem direito de liberdade, vamos agora analisar a questão da manifestação política desses profissionais.

Segundo o jornalista da Globo Marcos Luca Valentim, um dos problemas é que, para muitas pessoas, a manifestação política está sempre associada ao favorecimento de partidos políticos. O jornalista, no entanto, se posiciona afirmando que nós somos corpos políticos e que nossa vida é política:



Marcos Luca Valentim

**“Nós somos corpos políticos, nós somos pessoas políticas, a gente viver é ser político. Então, político as pessoas entendem como sendo uma coisa somente ligada a partido, parlamentarismo, não é o caso, a nossa vida é política. Então, quando a gente**

**se manifesta politicamente, a gente expande a nossa ideologia e a gente expõe o que a gente acha que está errado e o que está certo”.**

No passado, o ato de se manifestar politicamente, tanto no esporte como em qualquer outra área, enfrentava duríssimas barreiras, uma vez que a ditadura militar (1964-1985) retirava vários direitos dos cidadãos, inclusive dos jornalistas.

A censura talvez tenha sido uma das principais armas do regime ditatorial estabelecido no Brasil no início dos anos 1960. Dessa maneira, impedia qualquer tipo de mensagem contrária aos seus ideais defendidos.

O jornalista Flavio Gomes relembra que começou sua carreira dentro do jornalismo esportivo durante esse período do país. Para ele, na época em que entrou na área, em 1982, pouco se falava de política, mas alguns colegas eram engajados em movimentos democráticos. Contudo, de fato, a partir de 1984, com as Diretas Já, ficou mais claro o posicionamento político desses jornalistas esportivos.

**“Bom, eu comecei em 1982. A ditadura ainda não tinha terminado. Jornalistas esportivos, na minha memória, não falavam muito de política. Mas alguns eram engajados em movimentos pela democracia, embora não se manifestassem nos veículos de imprensa para os quais trabalhavam. Isso começou a ficar mais claro a partir de 1984, com o movimento das Diretas Já”.**

Em relação ao meio esportivo quando começou a carreira de jornalista, Flavio Gomes acrescenta:

**“Mas é bom que se diga que o meio**

**esportivo em geral sempre foi muito conservador. Ao menos naquela época. Por isso, os que começaram a demonstrar alguma militância eram os mais jovens, que começavam a se destacar nos jornais, revistas e emissoras de rádio, principalmente. Dá para citar, por exemplo, Osmar Santos, Juca Kfour e José Trajano. É preciso lembrar também que não existia a internet, não havia redes sociais”.**

Com relação ao local onde esses jornalistas se manifestavam, Flavio afirmou:

**“Os jornalistas se manifestavam publicamente nas páginas e nos microfones daqueles que os empregavam. E esses eram os que sempre foram: empresários ricos, poderosos, donos dos meios de comunicação. Não havia muito espaço para falar de assuntos que escapassem à sua área de atuação. Era um momento muito diferente, quase impossível de comparar com o que acontece na mídia hoje”.**

Breiller Pires, jornalista da ESPN, assim como Flavio Gomes, destaca o papel de figuras dentro do jornalismo esportivo, como Juca Kfour e José Trajano. Segundo ele, levaram de forma contundente a política para o esporte. Antes deles, o papel era de João Saldanha, também conhecido como “João Sem-Medo”, por não apenas tratar de temas políticos, mas também por ser um militante político integrante do Partido Comunista.

Dentro do esporte, Saldanha alfinetava os ditadores e fazia duras críticas ao regime militar da época. O jornalista acumulava grande popularidade com o público. Além disso, antes mesmo do jornalismo, Saldanha havia sido jogador.

Por ser grande conhecedor do jogo e ter grande popularidade junto ao público, assumiu o comando da seleção brasileira para preparar a equipe para o mundial do México em

1970, uma oportunidade de ressurgir a imagem da seleção após o baixo desempenho na Copa do Mundo de 1966 na Inglaterra.

Na oportunidade, a Confederação Brasileira de Desportos (CBD) conhecia muito bem o lado militante de Saldanha e o seu histórico de ser um crítico ferrenho do governo militar. Com um time que ficou conhecido como “as feras do Saldanha”, venceu seis jogos em sequência com a seleção e colocou o Brasil na Copa do Mundo.

Entretanto, nem tudo eram flores para João Saldanha. Após a classificação para o mundial, o jornalista e agora técnico da seleção não deixou de importunar o regime militar da época. Com a chegada do general Emílio Garrastazu Médici ao poder, a repressão contra membros do Partido Comunista provocou revolta em Saldanha.

Segundo informações do EL País Brasil (03/07/17), em janeiro de 1970, no México, em meio ao sorteio da Copa do Mundo, o técnico da seleção brasileira distribuiu um dossiê que apresentava cerca de 3.000 presos políticos, mortes e torturas da ditadura militar brasileira para as principais autoridades internacionais que acompanhavam o sorteio da Copa.

A partir disso, cresceu em Médici o desejo de tirar Saldanha de cena do comando da seleção canarinho. O general queria a convocação do atacante Dario do Atlético-MG, que depois viria a ser campeão brasileiro com o clube em 1971.

Quando questionado por um repórter sobre o desejo de Médici pelo jogador, Saldanha foi bastante curto e grosso: “Ele [Médici] escala o ministério e eu convoco a seleção”. Em seguida, após duas semanas, foi demitido do cargo de técnico da seleção dando lugar a Mário Lobo Zagallo, que viria a conquistar o tricampeonato da seleção brasileira no México.

Além de João Saldanha, personagens como Juca Kfour, José Trajano e Osmar Santos também têm importância no cenário de manifestação política dentro do futebol. Todos tiveram participação nas manifestações das Diretas Já no ano de 1984.

Anteriormente, Osmar Santos já usava do meio do esporte para fazer duras

críticas ao regime militar. Em 1978, o jornalista fazia a narração da final do Campeonato Brasileiro entre Guarani e Palmeiras, quando, perto do apito final, o narrador fez um discurso falando sobre a falta de liberdade e a necessidade de o brasileiro ter liberdade para se expressar e comunicar, mas claro que adaptou o discurso ao contexto da partida, que terminou com a vitória do Guarani, até hoje sendo o único clube do interior campeão brasileiro.

No movimento das Diretas Já, Osmar Santos viajou por todo o país ao lado de intelectuais, artistas e jogadores de futebol que faziam parte da Democracia Corinthiana, dentre eles, as figuras de Sócrates, Casagrande e Wladimir.

Junto deles estavam as figuras de Juca Kfoury e José Trajano, jornalistas esportivos que também usavam o espaço dentro do esporte para tratar de assuntos ligados à política do país e mostrar seus posicionamentos contrários ao regime estabelecido.

Mesmo após o fim da ditadura militar, Juca e Trajano permaneceram como esses personagens influentes dentro da manifestação política. Com o passar do tempo, as redes sociais tomaram conta, e hoje em dia tornou-se muito mais fácil emitir opiniões. Portanto, o lugar que antes se restringia ao microfone ou ao texto foi expandido por meio da internet, fazendo com que o alcance da mensagem fosse maior do que antigamente.

Para esta grande reportagem foram entrevistados ao todo cinco jornalistas com atuação na área do esporte. Eles utilizam do espaço dentro do futebol e também das redes sociais para tratar de questões que vão além do que se passa no contexto do esporte com que trabalham, em sua maioria, o futebol, considerado o esporte mais importante do país, com milhões de adeptos espalhados no território nacional.

Vários temas foram abordados nas entrevistas para a produção dessa grande reportagem. Questões sobre motivações, ou seja, o que leva esse profissional a usar o ambiente esportivo para se posicionar politicamente; se existem locais mais adequados para tratar desse assunto; de que forma o

público e os veículos de comunicação enxergam isso; o que pensam para o futuro da profissão e o que esperam dos próximos jornalistas em relação ao que vem por aí.

Essas foram algumas das questões abordadas.

## Manifestar politicamente e a quebra do monopólio do discurso

O jornalista e escritor Flavio Gomes acredita que o jornalismo carrega consigo uma função social que deve ser usada, pois o jornalismo consegue atingir diversas pessoas e tem caráter de promover nelas reflexão e resistência. Segundo Flavio, o que o país passa nos dias de hoje é um verdadeiro retorno ao tempo da Idade Média.

**“Jornalismo tem função social. Se temos a chance de falar para muita gente ouvir, temos obrigação de tentar melhorar o mundo, propor reflexões, tentar combater a disseminação do pensamento retrógrado que toma conta do país. Essa é minha motivação: me indignar, reagir ao que considero uma volta à Idade Média, mostrar que há resistência”.**

Para o jornalista da rede Globo de comunicações Marcos Luca Valentim, sua principal motivação é levar para o telespectador algo que possa agregar conhecimento. Para isso, é preciso trazer contexto ao esporte, ou seja, sempre que possível e permitido, dar uma carga social forte ao meio esportivo e, com isso, transcender o jogo em si, não tratando somente do que acontece dentro das quatro linhas do campo, por exemplo.

Obviamente há momentos que não permitem ao jornalista inserir uma questão social. Na entrevista, Marcos cita o exemplo da eliminação do Fluminense para o Olímpia do Paraguai na fase de pré-libertadores, momento no qual não faz sentido trazer uma questão social. “Fluminense foi eliminado da Libertadores contra o Olímpia. Eu, falando do jogo ali, começar a delirar e querer envolver um contexto social naquele jogo, óbvio que não”, disse. Contudo, em momentos-chave

quando há essa possibilidade, deve-se saber usar e fazer com que as pessoas possam passar a dar mais atenção a este ou àquele fato.

**“[...] Quando ter a possibilidade, é ter um olhar apurado pra isso. Porque você acaba despertando as pessoas que nunca prestaram atenção, passam a enxergar com outros viés. E aí você foge disso do monopólio da fala de ser uma pessoa no espaço só, você proporciona outras versões, você descondiciona um olhar que já era influenciado a ver o futebol só como futebol, as Olimpíadas só como um grande evento esportivo e quantas outras histórias não tem nas olimpíadas, quantos personagens, quantas lições, quantos diálogos, quantas reflexões esbarram nos jogos Olímpicos. Não é só esporte e não é só esporte é uma frase batida, não é só esporte”.**

Esse monopólio da fala é algo a que o jornalista fez referência durante a entrevista de um livro de mesmo nome de Muniz Sodré. Nele, a ideia é que sempre existiu um mesmo discurso, ou seja, um mesmo monopólio que reproduz sempre os mesmos enredos, a mesma versão de sempre.

Acontece que, atualmente, pessoas que antes não ocupavam essas posições de destaque dentro dos grandes jornais passaram a trazer novas versões e, dessa forma, tratar de questões que antes não eram debatidas.

A jornalista da TV Real Brasília Maíra Nunes, por exemplo, cita o exemplo da chegada das mulheres a ocupar espaço dentro das redações esportivas. Anteriormente, a mulher não obtinha protagonismo e não era uma figura central e atuante dentro do esporte.

Todavia, com sua chegada às redações é como se o discurso de antes entrasse em choque com um discurso atual, que possui outro olhar para questões também relevantes dentro do esporte.

**“O que percebi é que jornalistas mulheres por uma questão da sociedade que tá abrindo mais espaço para mulheres e o jornalismo esportivo era absurdamente fechado pras mulheres, mas quando chegam as mulheres a ocupar esse espaço, quando chega o futebol feminino para ocupar um espaço de pouca visibilidade, vem também demandas para que emitam opiniões que até então não eram emitidas.**

**Em uma mesa redonda de futebol só tinha homem. Quem que ia falar sobre o assédio das mulheres dentro dos estádios? Eles não sentem. Até então, não era um assunto debatido. Quem que ia falar sobre o absurdo que é o assédio sexual de um presidente da CBF? E que ser afastado não é só o suficiente.”**



Maíra Nunes

Acrescenta ainda que, quando se abre espaço para uma pluralidade maior de profissionais, novas demandas surgem:

**“Era só pra acrescentar que quando se abre espaço pra uma pluralidade maior, seja de profissionais dentro ou fora do campo, surgem demandas novas também. E aí eu acho que entra no tema que você tá falando também, que surge também a necessidade de se dar opinião sobre isso e a necessidade dos veículos de opinar sobre isso, de colocar ali pessoas que falem sobre o assunto do momento”.**

O jornalista da ESPN Breiller Pires aponta que a manifestação política sempre esteve também do lado de quem oprime, de

quem detém o poder econômico. O jornalista afirma que isso sempre existiu, mas não de maneira explícita.




Breiller Pires

**“A manifestação política não se dá somente de forma partidária, vai muito além disso. É uma manifestação política tomar um lado e geralmente de quem oprime, de quem detém o poder econômico. E nesse aspecto o jornalismo esportivo sempre se posicionou, sempre teve – por mais que não tenha sido de uma forma aberta. Sempre viu um posicionamento explícito no jornalismo de esporte que é um posicionamento historicamente machista, reacionário, elitizado.”**

Breiller acrescenta que a profissão ainda é dominada por homens brancos, mas que felizmente as mulheres, por exemplo, vêm conquistando seu espaço na profissão.

**“Uma profissão ainda dominada por homens brancos que reproduzem muitos estereótipos racistas, que inferiorizam a mulher. Por muitos anos a mulher foi tratada na editoria de esporte como objeto e não como protagonista. Conquistas recentes dos movimentos feministas e até por reivindicação por mais espaços das mulheres no jornalismo esportivo.**

**Então o jornalismo esportivo sempre teve o seu lado político mesmo que não precisasse levantar uma bandeira partidária ou defender um político A,B ou C”.**



Para Breiller, o jornalismo sempre foi politizado, mas com posicionamentos formados com aquilo que a gente não espera da profissão.

**“Felizmente esse cenário tem mudado, mas às duras penas porque o esporte também é um meio muito reacionário, conservador.**

**É difícil levar esse tipo de pauta, por exemplo, pautas que reivindicam direitos para a minoria são vistas de forma negativa, porque há um espectro no esporte que é principalmente regido por homens brancos que são reativos a esse tipo de questões”.**

## Existe lugar mais adequado para se manifestar?

A manifestação política esbarra em várias questões. Por exemplo, anteriormente, no período da ditadura militar, emitir opiniões, ainda mais contrárias ao regime militar, era uma ação bastante reprimida.

As manifestações eram por meio de textos e do microfone usado em transmissões de televisão e rádio. Hoje em dia, com o avanço da tecnologia, as redes sociais se tornaram também esse espaço de se emitir opiniões, não só de jornalistas, mas de qualquer pessoa com livre acesso.

As redes sociais possuem um caráter mais pessoal, ou seja, o proprietário tem total controle e domínio de tudo que vai ser postado. Enquanto isso, em programas televisivos, quem detém o controle de tudo que é divulgado, falado, são os próprios proprietários dos meios.

Portanto, seriam as redes sociais um local mais propício para a livre exposição de ideias?

Para Paulo Calçade, tudo vai depender do tema que está sendo tratado. Não faz muito sentido, da mesma forma como Marcos Luca apresentou o exemplo da eliminação do Fluminense, usar um espaço de narração e, tratando da partida, querer levantar questões que não condizem com o que está sendo apresentado.

Além disso, para Calçade, a emissora na qual atua, a ESPN, trabalha com esportes, e as pautas políticas precisam compreender os veículos que tratam do assunto; mas, claro, se elas fizerem sentido dentro da cobertura esportiva, precisam ser abordadas e não ser deixadas de lado.

No caso da Copa América, por exemplo, fazia sentido falar a respeito do descaso do governo em trazer a competição para o país diante de uma crise sanitária pela qual o país passava.

Flavio Gomes concorda com Calçade de que existem espaços e momentos mais adequados para tratar do assunto em questão.

Além disso, afirma também que não existem espaços que sejam proibidos.



Flavio Gomes

**“Claro que sim. Mas também não existem espaços proibidos. Há todo um conjunto de circunstâncias que levam um jornalista esportivo a se manifestar politicamente. Há determinados momentos em que a única forma de abordar determinado assunto é com viés político. E a gente não pode se recusar a fazer isso.”**

Para Maíra Nunes, o próprio veículo no qual trabalhou, o Correio Braziliense, proporcionou uma ambiente onde ela tivesse mais liberdade para tocar em assuntos que fossem um pouco mais além do esporte.

Durante a cobertura da Copa do Mundo de futebol feminino, criou um blog ao lado da também jornalista Maria Eduarda Cardin, chamado “Elas no ataque”. No blog, havia muita liberdade de produção de conteúdo mais parecido com a coluna. Em muitas delas, mais opinativas, elas se posicionavam até mesmo com críticas à Confederação Brasileira de Futebol (CBF).

Ela fala a respeito de uma negociação entre o jornalista e o veículo pelo qual trabalha, se permitir que de fato essa opinião seja exposta. Ademais, destaca também que o perfil em rede social é, de fato, algo pessoal, e ali a pessoa tem total liberdade para escrever o que quiser.

Marcos Luca acredita que o momento de se manifestar é em qualquer lugar e em qualquer hora, desde que faça sentido e não se tente forçar um argumento, como foi destacado anteriormente por ele próprio e por Calçade.

Além disso, destaca que o jornalista precisa ser um verdadeiro “poliglota falando o mesmo idioma”, ou seja, o jornalista precisa utilizar de todas as ferramentas necessárias para passar a sua mensagem, a sua opinião política.

**“Você precisa ser poliglota falando o mesmo idioma. Esse é o pulo do gato, você tem que se fazer entender, passar a sua ideia para públicos em diferentes espaços, para que qualquer pessoa compreenda o que você está dizendo. Tem que saber se posicionar em ambientes diferentes, quer dizer que no Instagram eu vou ter uma linguagem, no Twitter eu vou ter outra, na TV eu vou ter outra. Mas as três linguagens que eu usei eu disse a mesma coisa. Então eu acho que todo lugar é lugar, toda hora é hora, o que muda são os métodos, são as abordagens e a maneira de falar. Para que você, primeiro, não seja visto como um louco, falando coisa sem conexão, tentando encaixar um discurso a qualquer custo; segundo, para que você seja compreendido onde quer que você trafegue. Então, você precisa ter essa estratégia, se conhecer e ser poliglota falando o mesmo idioma”.**

É uma tendência os jornalistas esportivos cada vez mais se manifestarem ou vivemos um caso excepcional?

Já vimos que, dentro da história, a manifestação política esteve presente até mesmo na fase em que a liberdade era zero no país.

O Brasil vem passando por diversas transformações nos últimos anos. A ascensão de Jair Messias Bolsonaro ao poder fez crescer um sentimento de repulsa e de revolta em grande parte do espectro político, na esquerda e até mesmo na direita.

Ademais, a maneira como vem sendo gerido o combate à pandemia só fez crescer ainda mais a indignação contra o governo. As descobertas na CPI da Covid sobre a compra de vacinas, o desmatamento

na Amazônia, a volta do Brasil para o mapa da fome e a crescente inflação em cima de alimentos e combustíveis geram revolta em diversas áreas.

Dentro do jornalismo esportivo não é diferente. Vários são os jornalistas que estão em programas ou até mesmo nas redes sociais externalizando repulsa por ações do atual governo. Todavia, seria uma tendência termos mais jornalistas esportivos engajados politicamente ou o momento que vivemos é algo excepcional?


**“Eu acho que não é sazonal não, eu acho que essa é uma postura que vem pra ficar, porque hoje em dia, os acessos estão democráticos e, como eu falei, cada pessoa ou a maioria que tem acesso à internet, poder falar o que pensa, mas é muito mais democrático o acesso a você expor uma opinião do que já foi”,** disse Marcos Luca.

Para Flavio Gomes, não é nenhuma tendência, e mais jornalistas esportivos vão deixar de expressar sua opinião, pois o medo da reação do público e o medo de perder o emprego vão fazer com que isso não aconteça.

**“Não. Acho que as gerações mais novas terão cada vez mais medo de falar o que pensam porque a reação do público pelas redes sociais é muito virulenta e, de novo, há sempre o temor de perder o emprego”.**

Enquanto isso, Paulo Calçade acredita que existe uma tendência para que mais jornalistas se manifestem, seja em redes sociais, seja em programas esportivos, e também que o momento pelo qual passa o país permite que isso aconteça não só dentro do jornalismo esportivo, como também em outras áreas. O momento que o país vive transcende a ques-





X X tão política e passa a ser uma questão de salvar a nação.

→

“Hoje também eu vejo isso em todas as áreas, não vejo isso só no jornalismo esportivo. É que também o Brasil entrou numa draga tão grande e uma decadência tão grande, que é algo que transcende a questão política digamos. É algo que eu vejo que é de salvar o país da destruição total. Desviar recursos seja na Amazônia, em tudo, destruir instituições, aparelhar Polícia Federal [...]. Quer dizer, a gente tá num momento bem complicado. O momento é de salvação e de salvar o país da miséria total”.

## Repulsa de veículos de imprensa?

Como já citado outras vezes no decorrer dessa grande reportagem, o momento da ditadura militar provocou grande repressão e combate a tudo aquilo que fosse contrário a seus ideais. Com isso, um espaço como o esporte, por exemplo, ficava recluso a falar única e exclusivamente da partida, e qualquer tentativa de tratar de assuntos que fossem além do campo e da bola, tendo o futebol por exemplo, seria automaticamente reprimida.

Com o passar dos anos, o processo de redemocratização do país tornou-se um ambiente mais favorável para divulgação de novas ideias, mas, a respeito de tratar de posicionamento político, ainda enfrenta algumas barreiras?

mente.

Sei que há restrições de alguns chefes, chefes quando eu digo é sentido amplo de jornalistas que se manifestam politicamente, mas no meu caso sempre foi algo muito natural. De, quanto mais o jornalista for melhor para nossa atividade, a gente consegue fazer um jornalismo melhor e mais completo. Sendo honesto também com o público, por isso que eu não escondo meu time de futebol, por isso eu não escondo minha orientação partidária, minha orientação política, porque eu acredito que é bom que as pessoas saibam até pra avaliar, julgar meu trabalho como bem entenderem. Então, até por uma questão de transparência e honestidade, eu acho isso justo, que o jornalista tenha essa liberdade de manifestar seus posicionamentos políticos”, disse por fim.

**“Eu sei que existem muitos veículos com alguma orientação e até nos manuais de redação para que não adote lado político, manifestações políticas em redes sociais, em programas, isso acontece. Há códigos de conduta que têm esse tipo de cláusula, mas eu nunca trabalhei em redações que me proibissem de expressar meu posicionamento político.”** afirmou Breiller.

O jornalista continua seu raciocínio dizendo que o que existe, na realidade, é uma autocensura por parte dos jornalistas.

**“Felizmente não trabalhei em lugares desse tipo, mas o que existe é uma autocensura de, dependendo do lugar onde a gente trabalha, saber que tipo de manifestação a gente pode fazer, que tipo de manifestação política não vai gerar um atrito a ponto de tornar inviável essa relação de trabalho. Então isso aí acontece não só no jornalismo, mas em todas as profissões. Mas eu nunca me senti coagido por me manifestar política-**

Maíra é outra jornalista que compartilha do fato de não ter sofrido nenhum tipo de controle por se posicionar politicamente, mas que já presenciou colegas que sofreram algum tipo de “puxão de orelha”, como ela mesmo coloca:

**“Diretamente eu nunca recebi de parte de chefes, de parte do pessoal assim, um puxão de orelha muito nítido em relação às publicações nas redes sociais, seja qual for a rede. Sei de colegas que já receberam esse puxão de orelha, mas pelo menos assim um ‘fica atento’.**

**O que eu percebo é que e bastante delicado e em geral as pessoas e os profissionais hoje em dia enxergam que é preciso lidar com cautela, porque até que ponto o jornal onde eu trabalho pode falar a respeito do que publico na minha página pessoal e até que ponto também eu posso sair publicando tudo sendo que eu estou representando a imagem de um outro meio de comunicação”.**

Em 1º de julho de 2018, o Grupo

Globo divulgou no G1 um conjunto de diretrizes sobre o uso de redes sociais pelos jornalistas. No documento, o presidente do Conselho Editorial do grupo, João Roberto Marinho, coloca que o principal objetivo das diretrizes é que os jornalistas possam passar a imagem de que estão exercendo a profissão com isenção.

No item “d” da seção II, afirma-se o seguinte

**“Em sua atuação nas redes sociais, o jornalista deve evitar tudo o que comprometa a percepção de que o Grupo Globo é isento. Por esse motivo, nas redes sociais, esses jornalistas devem se abster de expressar opiniões políticas, promover e apoiar partidos e candidaturas, defender ideologias e tomar partido em questões controversas e polêmicas que estão sendo cobertas jornalisticamente pelo Grupo Globo. Em síntese, esses jornalistas não devem nunca se pôr como parte do debate político e ideológico, muito menos com o intuito de contribuir para a vitória ou a derrota de uma tese, uma medida que divida opiniões, um objetivo em disputa. Isso inclui endossar ou, na linguagem das redes sociais, ‘curtir’ publicações ou eventos de terceiros que participem da luta político-partidária ou de ideias [...].”**

Em outro ponto, a emissora destaca que colunas e textos de opiniões não configuram algo que fure o critério de isenção estabelecido pela empresa, mas, tratando-se de rede social, necessitam manter postura isenta e imparcial dos fatos:

**“Como em todos os veículos de imprensa, há no Grupo Globo jornalistas cuja função é analisar fatos e controvérsias e opinar sobre eles. Por óbvio, tais jornalistas não ferem o princípio da isenção. Primeiramente, porque agem com transparência, deixando explícito que não fazem uma reportagem objetiva sobre os fatos, mas a partir**

**deles os analisam e opinam sobre eles (ver Seção I, item 1, letra t). É uma atividade jornalística diversa da reportagem, mas que atende também a uma demanda do público: ter acesso a opiniões e análises sobre fatos e controvérsias para que possa formar a sua própria opinião. Tais jornalistas, normalmente chamados de comentaristas, analistas ou colunistas de opinião, devem ter uma atuação na rede social que não permita a percepção de que são militantes de causas e que fazem parte da luta político-partidária ou de ideias. A eles, como a todos, é vedado apoiar candidatos ou partidos, dentro e fora de eleições.”**

Em contrapartida, tratando-se de rede social, a empresa enaltece seu papel de proximidade com o público, divulgação, busca de notícias, novas fontes etc.

**“Essas diretrizes em nada diminuem a importância que o Grupo Globo vê nas redes sociais. O Grupo Globo estimula o seu jornalista e os seus veículos a utilizarem as redes sociais como valioso instrumento para se aproximar de seu público, ampliá-lo, reforçar a imagem de credibilidade de que já desfrutam, divulgar os seus conteúdos, encontrar notícias, fazer fontes. Nessa atividade, devem, porém, observar as regras até aqui descritas. E outras deste código”**

Da mesma maneira que Breiller Pires, Marcos Luca compartilha do fato de que o local onde trabalha chamou sua atenção por estar expondo sua opinião política diante de um programa ou nas redes sociais, e fala ainda que cada vez mais o mercado exige profissionais que tenham opiniões:

**“Dos meus diretores, dos meus chefes nunca tive uma resposta negativa e**

eu acho que é até bom, porque como eu falei, com uma pressão social e mais pessoas querem posicionamentos, eles têm na casa uma pessoa que se posiciona. Uma pessoa que não tem problema, aliás eu gosto de falar sobre isso. Então não acho que pras minhas chefias, pros meus diretores é importante. Então nunca me falaram: 'Não fala sobre isso, não faz aquilo', nunca, nunca. Nunca tive uma tentativa de ser cerceado, de ser censurado por parte da empresa. Negativo, aliás, eu tive até oportunidade baseado no que eu falo de fazer outras coisas também. Então da empresa não, longe disso".



## O que vem por aí?

Diante de toda essa manifestação de jornalistas do esporte, o que esperar do que vem pela frente? Mais jornalistas esportivos vão estar ainda expondo suas opiniões para fatos e questões políticas em que acreditam? Vão ainda existir veículos que tentarão impedir isso? De que forma o público vai se comportar?

Paulo Calçade aponta que não sabe dizer, mas o que espera é um jornalismo esportivo que tenha pessoas mais preparadas e que fuja dos discursos das chamadas "conversas de bar", como discurso raso.

Em relação ao público, Calçade disse que, a curto prazo, não vai mudar e que o autoritarismo ainda é uma característica marcante no brasileiro:

**"Eu acho que a curto prazo não vai mudar. Porque falta educação, falta formação e nós estamos num país de uma formação muito autoritária das pessoas. Então, as pessoas realmente que teoricamente teriam sido bem informadas têm esse tipo de comportamento, de visão da vida, é autoritário, de extrema-direita, conservador, preocupado com o outro, com quem o outro dorme. Querendo interferir na vida do outro, problema dele, ele que cuide da vida dele do jeito que ele quer. Levando questões religiosas pro centro do debate, o que tá certo e o que tá errado tá aqui dentro e eu vou dizer pra todo mundo o que tá certo e o que tá errado dizendo o que dentro de uma interpretação equivocada, do certo e do errado. Aí eu não vejo esperança não, tão cedo".**

Por outro lado, Breiller já acredita que haverá mais jornalistas engajados politicamente e que não vão temer sofrer retaliações ou qualquer tipo de censura. Além disso, afirma que o momento atual proporciona mais reflexões sobre política:

**"Então, eu vejo que no futuro a gente tende a ter jornalistas mais engajados, jornalistas que se posicionem politicamente sem temer retaliações, sem temer censura. Então, acredito que isso, por mais que a gente viva tempos políticos turbulentos, esses tempos nos ajudam também a refletir mais, a falar mais, a debater mais sobre política."**

Também compara a situação de hoje com o momento quando era ainda estudante de jornalismo:

**"E, até na faculdade mesmo, eu lembro quando eu fiz, a gente tratava bem menos, essas questões eram bem menos latentes, o mundo parecia bem menos complexo, mas eu sinto que as gerações de hoje tem tido mais acesso a esse debate político e naturalmente a gente vai ter uma geração de jornalistas mais engajadas e naturalmente mais comprometidas com o código de ética da profissão, que, tá no nosso código de conduta de jornalistas, a obrigação de se opor ao autoritarismo, obrigação de lutar e zelar pelos direitos humanos."**

Então a nossa profissão é essencialmente política, ela é muito política, porque ela está vinculada a defesa dos direitos humanos e só por isso ela exige que o jornalista seja ele esportivo, político, econômico, da área da saúde, ele precise ir além de sua editoria e entender que toda manifestação humana é política e naturalmente a política vai estar sempre presente em todos os assuntos e no esporte não é diferente".

A respeito da manifestação política, Maíra Nunes disse:

**"Eu acho que questões políticas, questões sociais principalmente, estão cada**

**vez mais vindo à tona e fazendo com que os profissionais que trabalham com isso, que são exigidos aí, vira e mexe a emitir opinião a respeito, eles se atentem, então acho que sim, é uma tendência que assuntos sociais ganhem cada vez mais espaço dentro de temas e programas dentro do jornalismo esportivo e, portanto, que os jornalistas também se sintam aí mais demandados a estudar e emitir opinião a respeito disso.”**

Em relação ao público, a jornalista acredita que as pessoas têm ainda muita dificuldade em lidar com opiniões diferentes, mas que existe ainda uma parcela que consegue interagir e trocar conhecimento:

**“Hoje, a gente vê o público tendo a oportunidade de se expressar principalmente pela internet, pelas redes sociais e tudo. E o que eu percebo é uma dificuldade muito grande de lidar com opiniões diferentes da que você tem. Eu ali enquanto usuária da internet vejo um jornalista emitindo uma opinião, se eu não concordo, o pessoal já entra esculhambando na internet, os próprios algoritmos lá das redes sociais criam uma bolha.**

**Acho que o público ainda tá engatinhando no aspecto de entender e agir com um certo respeito, inclusive. O que quero dizer aqui e acho importante deixar claro é que não é que o público seja ele qual for não possa discordar. Ele pode e deve, na verdade a gente tá num caminho ainda e nesse caminho eu acho que a gente tá engatinhando de a gente conscientizar a melhor forma de fazer isso.**

**Que é tendo respeito pelos profissionais e por todas as pessoas envolvidas em um assunto que está sendo comentado. Nesse sentido, então eu acho que o público... a gente ainda tá aprendendo a lidar com a opinião principalmente tendo o poder de rebater essa opinião por meio das redes sociais. Isso olhando pro lado negativo, Mas agora, tem muita gente que faz uma troca**

**super bacana, super produtiva. Eu acho um barato quando tem, quando eu no twitter, a troca é incrível.”**

Ela acrescenta ainda:

**Então, eu aprendo pra caramba com um monte de gente que assim, é torcedor, que tá lá consumindo o que produzo, mas vai comenta e a gente tem um diálogo ali que é super produtivo. Então eu acho que tem esses dois lados, a gente tá aprendendo a lidar com tanta opinião, eu acho que de fato a gente tá num momento que tudo é opinião, que o que vale é mais opinião do que a própria informação até. [...] tudo ainda é novo, a forma como o público reagir, usar e como emitir a sua opinião também”.**

Se vai haver ou não uma reação negativa pelos veículos de imprensa, a jornalista acredita que ainda existirá. Segundo ela, apesar da mudança de chefias, ainda existirá toda uma cultura dentro da empresa.

Já para Marcos Luca, a questão de se manifestar politicamente passa a ser uma demanda do mercado, ou seja, mais vezes as empresas vão exigir isso de seu profissional. Tudo hoje em dia envolve a questão de se posicionar. E não precisa ser uma posição considerada mais adequada, mas uma que possa gerar repercussão. Cada vez mais as empresas vão contratando pessoas que não são isentas.

## A manifestação política no futebol

O ato de se manifestar, de colocar sua opinião e de discutir questões políticas não está somente restrito ao jornalismo esportivo, obviamente. Dentro do esporte, o ato de se manifestar politicamente sempre esteve muito presente. Vamos analisar dois casos especiais, em que dois jogadores de futebol usaram das quatro linhas do campo como verdadeiro palco para levantar questões políticas.

Primeiramente, vamos tratar de Afonsinho, jogador nascido no estado de São Paulo, mas que fez grande parte de sua carreira jogando no Rio de Janeiro, nos quatro grandes clubes cariocas: Flamengo, Fluminense, Vasco e Botafogo.



Afonsinho

Na época em que Afonsinho jogava, os clubes de futebol eram os que tinham o passe do jogador, ou seja, os jogadores eram verdadeiros escravos e não conseguiam, por eles mesmos, negociar com qualquer outro clube. O passe dava ao clube mais do que direitos normais de um contrato de trabalho e, chegando ao seu fim, o novo empregador deveria estar disposto a pagar a indenização fixada pelo clube de origem.

Com isso, muitos contratos venciam e eles eram obrigados a permanecer junto ao clube. Foi o caso de Afonsinho. Na época, ele jogava pelo Botafogo-RJ, seu contrato se encerrou junto ao clube carioca, e ele não conseguiria negociar com nenhum outro clube.

Desde muito jovem, o meio-campista reclamava dos prêmios que o clube prometia e atrasava também. Com isso, acabava

criando um clima nada saudável entre o jogador e o clube carioca.

Sob a direção de Zagallo, Afonsinho era pouco aproveitado, e parecia que o técnico não gostava de seu futebol. A torcida alvinegra defendia a sua presença nas partidas, mas Zagallo o escalava e o tirava após 20 minutos de partida, de acordo com o documentário *Passe Livre* (1974), disponível no YouTube com título de mesmo nome.

Sem espaço no time, o Botafogo não fazia questão de vender o seu passe e o emprestou para o Olaria, um clube de menor expressão no Rio de Janeiro.

Depois de sua passagem pelo modesto clube, onde ficou por seis meses, teve seu retorno ao Botafogo. Em sua volta, reclamaram de sua aparência, por estar com o cabelo e barba grandes. Ouviu dos dirigentes que não parecia um jogador de futebol, mas um "cantor de iê-iê-iê".

Recusando-se a tirar a barba e o cabelo, o jogador foi impedido de treinar e, pela determinação do passe, não poderia negociar com nenhum outro clube, ficando preso ao Botafogo.

Foi quando Afonsinho se dirigiu à justiça para ter o direito de poder negociar com outro clube. Com vitória na justiça, em 1971, passou a ser o dono do seu próprio passe e, com isso, teria carta branca para negociar com outro clube.

Dessa forma, chegou a voltar a jogar pelo Olaria, Vasco e Santos, onde jogou com o rei Pelé. Depois do Peixe, jogou pelo Flamengo, América-MG, Madureira e Fluminense, onde pendurou as chuteiras aos 35 anos, em 1982.

Por seu gesto rebelde de garantir o seu passe, Afonsinho ganhou a aceitação de grande parte de artistas e intelectuais da época, sendo, inclusive, inspiração para a canção "Meio de Campo", de Gilberto Gil.

Assim como Afonsinho, foram poucos os jogadores que se mantiveram firmes para tratar de questões políticas dentro do esporte. A respeito de serem tão poucos, Afonsinho disse que uma das razões é o jogador de futebol ter uma carreira bastante complicada e curta, e compara o futebol de hoje à sua época, de quando ainda era jogador.

A respeito do que deve ser feito para haver mais jogadores se manifestando politicamente, Afonsinho mostrou-se bastante pessimista, afirmando que cada vez mais o jogador se parece com uma empresa, se encaminhando para uma individualização e não se comprometendo a defender interesses comuns, coletivos.

Mário Aranha é outro caso de manifestação política dentro do futebol, um caso, dessa vez, mais recente, em 2014, em partida válida pela Copa do Brasil entre Grêmio x Santos. Aos 42 minutos do segundo tempo, o goleiro santista Aranha foi vítima de racismo por parte da torcida gremista.

Os gritos eram de “macaco” para o goleiro, que é negro. Ao final da partida, o goleiro denunciou para todo o país o comportamento da torcida gremista.

**“A outra vez que viemos aqui jogar a Copa do Brasil tinha campanha contra racismo, não é à toa. Xingar, pegar no pé é normal. Agora me chamaram de ‘preto fedido, seu preto, cambada de preto’. Estava me segurando. Quando começou um corinho com sons de macaco eu até pedi para a câmera filmar, eu fiquei puto. Quem joga aqui sabe, sempre tem racista no meio deles”,** falou Aranha.

Além disso, os agressores que entoaram cantos racistas foram identificados e punidos, e o Supremo Tribunal de Justiça Desportiva (STJD) decidiu excluir o Grêmio da competição.

Após o episódio, o goleiro passou a falar mais sobre racismo no país. No mesmo ano, recebeu o prêmio dos direitos humanos pelo combate ao racismo no país, que considera o maior prêmio conquistado em sua carreira como jogador de futebol.

Hoje em dia, Aranha é treinador de goleiros do Mogi Mirim, clube do interior de São Paulo. Ademais, tem um livro publicado, chamado de “Brasil Tumbeiro”, que conta a história

do negro no Brasil. O livro é para os jovens e tem como finalidade conscientizar as novas gerações a respeito da história negra no país.

Seu sentimento atual vem do fato de que perdeu oportunidade de atuar em outros clubes, por ser um jogador “encrenqueiro” e discutir questões que vão além do mundo da bola, debatendo questões raciais no país.

Além disso, o goleiro afirma também que, quando passou a tratar da questão racial no país, muitas vezes pessoas apontavam que fazia aquilo para se promover.

A respeito de entender por que tão poucos jogadores no Brasil assumem uma postura mais política, de se manifestar, Aranha respondeu que o primeiro ponto é por falta de conhecimento.

Afirma que os jogadores foram desde cedo doutrinados a pensar só no futebol, a pensar no esporte, na carreira e a vencer. A grande parcela de jogadores de futebol não tem estudo, bagagem necessária para adentrar em outros assuntos.

Consequentemente, não se pode exigir desse atleta que ele se posicione politicamente.

A diferença de jogadores de futebol aqui no Brasil para jogadores da NBA, a liga de basquete norte-americana, por exemplo, é que esses atletas saem da faculdade e chegam à NBA com estudo, boa orientação e recebendo bem, o que abriria portas para que esses jogadores tratassem dessas questões.

No Brasil, segundo Aranha, a situação é oposta. Os jogadores de futebol aqui no país não possuem estudo e passaram a vida inteira só pensando em futebol.




Aranha

**“Ou ele se posiciona e aí praticamente encerra de vez a chance de mudar de**



~~vida e da vida da família dele, ou então ele se arrisca em passar vergonha e passar um recado errado".~~



Sobre o que deve ser feito para que mais jogadores se manifestem, o ex-goleiro enxerga que já têm ocorrido mudanças. Hoje em dia, as federações exigem que um atleta da base de um clube precisa estar na escola, ter frequência e estudar.

É uma questão cultural, e vai levar um tempo até que as coisas se acertem. As novas tecnologias, como os celulares, permitem maior acesso à informação. Portanto, isso acaba dando bastante base para que os atletas tomem posições.